

UNESP – UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FAAC – FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO

BRENO AGNES SILVA QUEIROZ

LGBTeen!

A revista mix doidinha pra sair do armário

Bauru
2010

UNESP – UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FAAC – FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO
DCSO – DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

LGBTTeen!

A revista mix doidinha pra sair do armário

Relatório Técnico de Projeto Experimental apresentado pelo aluno Breno Agnes Silva Queiroz, RA 433781, sob orientação do Professor Angelo Sottovia Aranha, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, de acordo com a Resolução 002/84, do Conselho Federal de Educação.

Bauru
2010

UNESP – UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FAAC – FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO
DCSO – DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

LGBTTeen!

A revista mix doidinha pra sair do armário

Orientando:

Breno Agnes Silva Queiroz RA 433781

Orientador:

Professor Angelo Sottovia Aranha

Banca examinadora:

Clodoaldo Meneguello Cardoso

André Ribeiro

Bauru
2010

Dedicatória

A todos aqueles que seguiram o caminho comigo,
que investiram em mim, que apostaram,
que se jogaram e acreditaram.

Dedico aos homens e mulheres que me construíram com bolsas de estudo,
amizade, carinho, conselhos, expectativas, erros, acertos, Monteiros Lobatos,
verbs and conversation, concursos de leitura, fotinhas em sala de aula,
diagramações, brigas, discussões, madrugadas, explosões de Pagu, calor, sexo,
compreensão, companheirismo e muita fé.

Dedico, com muito carinho, a quem teve a coragem de sair do armário.

Também, com carinho, a quem não saiu,
e desejo forças para acreditar na plena vida, sem armários.

Especialmente, a meus pais, pois me ensinaram que a gente deve acreditar,
mas não podemos ficar de braços cruzados.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	05
1. Abrindo o armário ☺ INTRODUÇÃO	06
2. Alguém tinha que falar, né? ☺ JUSTIFICATIVA, OBJETIVO E METODOLOGIA	09
3. Nem jornal, nem livro ☺ REVISTAS	14
4. Entendendo os entendidos ☺ DIVERSIDADE SEXUAL	20
5. Do armário para as ruas ☺ MOVIMENTO LGBT	25
6. Sapatas e bichas em pauta ☺ IMPRENSA LGBT	30
7. Esses adultos estão perdidos ☺ ADOLESCÊNCIA E JUVENTUDE	36
8. Menin@s e meninas ☺ TABUS, JUVENTUDE E DIVERSIDADE SEXUAL	43
9. Close! Fomos encontrados! ☺ OS JOVENS NA MIDIA	48
10. As cores do arco-íris ☺ EDITORIAS	52
11. Tudo junto e misturado ☺ PLANEJAMENTO GRÁFICO-EDITORIAL	59
12. Liberdade! Não se reprima ☺ REDAÇÃO E ESTILO	64
13. O que eu vi, e vivi ☺ CONSIDERAÇÕES FINAIS	68
14. Muitas maneiras para se divertir ☺ REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	70

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Ao longo deste Projeto Experimental de Conclusão de Curso reconheci que os sujeitos aos quais me refiro na pesquisa, no relatório e nos produtos, são meninas e meninos, homens e mulheres, leitoras e leitores, cidadãos e cidadãs, enfim, pessoas com identidades marcadas por relações de gênero e pela condição sexual. Com o intuito de tornar a leitura mais fluente e direta, optei pela aplicação do genérico da língua portuguesa, com flexão no masculino (meninos, homens, leitores, cidadãos).

Segui, também, a recomendação da ABGLT – Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais, e as determinações da I Conferência Nacional LGBT, e adotei a sigla LGBT ao me referir ao movimento político de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais. Adotei a sigla GLS quando há vínculo com o mercado e com o consumo de produtos voltados ao público LGBT, que também atinge heterossexuais e outras configurações da sexualidade possíveis.

Abrindo o armário

1 INTRODUÇÃO

“Pai, mãe, eu tenho uma coisa pra dizer...”

Ser adolescente é passar por mudanças, fazer descobertas, conviver com dúvidas, encarar conflitos – quando ainda sou criança? Quando já sou adulto? – É um período marcado por alterações corporais, pelo estabelecimento da personalidade, pelos comportamentos, opiniões, desejos e idéias que variam súbita e drasticamente.

Nessa fase, a criança percebe que está influenciando no ambiente em que vive, e que será influenciado por esse mesmo ambiente. Constata, também, que suas escolhas já não são mais pueris e inocentes, pois o mundo externo começará a participar de suas decisões. Em especial, da decisão sobre revelar sua orientação sexual para esse mesmo mundo.

Se o adolescente for heterossexual, sua sexualidade não será empecilho, mesmo com tantos tabus que envolvem a sexualidade humana, como a masturbação e a iniciação sexual. Porém, se ele não for heterossexual, sua sexualidade será problematizada além do esperado, por ele mesmo e por outras pessoas.

A sociedade admite que ser adolescente é complicado. E ser adolescente não-heterossexual é mais complicado ainda. A começar pelo estranhamento de sentir atração por indivíduos do mesmo sexo e a incerteza de ser aquilo certo ou errado, saudável ou doentio.

Contudo, após os anos 1970, com as influências da revolução sexual, o surgimento de várias tribos adolescentes – como clubbers, ravers, emos, punks – e o maior acesso às novas tecnologias da informação e meios de comunicação, o adolescente tornou-se cada vez mais seguro de sua sexualidade e da sua formação social.

Os jovens gays de hoje vivem num novo século, onde o assunto é debatido a todo momento em jornais, revistas, televisão... Personagens gays não-caricatos pululam em novelas e seriados, passeatas de demonstração de orgulho ocorrem por todo o mundo e deputados discutem a sério como regulamentar a união de duas pessoas do mesmo sexo. Eles são jovens modernos, que não se acanham em assistir a filmes com temática gay no cinema ou a freqüentar mercados como o Mundo Mix, mesmo não sabendo ao certo se é isso mesmo o que eles querem... (<http://e-jovem.com/tema00.htm>, acessado em 15 de setembro de 2009)

Em recentes pesquisas mercadológicas, dois públicos consumidores receberam destaque: os adolescentes e a população LGBT - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros. Na intenção de reunir esses dois públicos num único produto jornalístico, foi criada a **“LGBTeen! A revista mix doidinha pra sair do armário”**. Este relatório

pretende expor o processo necessário para a produção das duas edições da revista, correspondentes aos meses de outubro e novembro.

A **LGBTeen!** tem o formato revista por ser o meio impresso mais consumido pelos jovens, independentemente do seu poder aquisitivo (ANDI, 2007). Além de ser um suporte jornalístico de fácil socialização, pois um único exemplar pode circular pelas mãos de vários adolescentes da mesma turma. Por essa característica, é possível que a revista atinja, inclusive, adolescentes com pouco acesso à internet.

O neologismo *LGBTeen* significa “adolescente lésbica, gay, bissexual, travesti, transexual ou transgênero”. Essa palavra representa dois públicos que sofrem preconceitos e têm sua liberdade de expressão constrangida: os não-heterossexuais, simbolizados pela sigla LGBT, e os adolescentes, reconhecidos pelo afixo *teen*, derivado da palavra inglesa *teenager*, que significa adolescente.

A frase “A revista mix doidinha para sair do armário” demonstra a vontade de revelar alguma coisa para a sociedade. No caso da revista, a publicação quer mostrar suas informações. No caso dos LGBTs, o grupo quer expor uma realidade pouco conhecida. No caso dos adolescentes, querem contar como é essa fase da vida repleta de tabus adultocêntricos. Nos dois últimos grupos, existe o desejo de visibilizar algo que a sociedade insiste em manter invisível.

Alguém tinha que falar, né?

2 JUSTIFICATIVA, OBJETIVO E METODOLOGIA

Homofobia: medo, aversão ou qualquer expressão decorrente de um conceito errado sobre gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais.

Hebifobia: neologismo criado por Deco Ribeiro que significa o preconceito e criação de conceitos equivocados sobre a juventude.

O público consumidor da **LGBTeen!** é composto por jovens entre 14 e 24 anos, da Região Metropolitana de Campinas, independentemente de gênero, papel, identidade ou orientação sexuais, que tenham interesse em assuntos ligados à diversidade sexual.

Em um veículo jornalístico, esse espaço de dez anos que compreende um público tão heterogêneo pode ser considerado um disparate, pois os gostos e necessidades de um adolescente de 14 anos são muito diferentes dos de um jovem de 24. Porém, esse é o mesmo público atendido pelo *Grupo E-Jovem de Adolescentes Gays, Lésbicas e Aliados*, que há oito anos faz um trabalho social com cidadãos nessa faixa etária.

As barreiras entre infância e idade adulta estão ficando cada vez mais flexíveis e torna-se de fundamental importância o pensamento crítico acerca da produção jornalística feita para, e pelos, jovens e adolescentes. A inexistência de trabalhos que ouçam esse público iria contra todo o esforço que se tem feito para incluí-lo no debate social.

Ao analisar esse panorama, é fundamental ter em mente que nos últimos anos do século XX o Brasil registrou um aumento recorde da população na faixa dos 12 aos 18 anos. Diante de tal fenômeno demográfico, chamado de “onda adolescente”, novas estruturas e serviços voltados especificamente para esse segmento começaram a ser implementados. Um dos marcos nesse processo foi a promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), em 1990. (ANDI, 2007, p. 7)

Os adolescentes começaram a ser reconhecidos como consumidores, cidadãos de direitos e deveres e, também, grupos específicos nas áreas de saúde e segurança pública, por exemplo. A partir de 1990 surgem, em maior quantidade, profissionais especialistas em adolescentes, como hebiatras, psicólogos, educadores, sexólogos.

Já que a adolescência é socialmente julgada como o “boom da sexualidade humana”, foi realizada uma reflexão sobre o tratamento dado ao tema “sexualidade” em algumas revistas destinadas a adolescentes. O foco foi verificar como os discursos sobre sexualidade, especialmente sobre diversidade sexual e papéis de gênero, eram construídos nesses espaços. Mas, a sexualidade não foi o único objeto de análise nessas revistas.

Alguns adolescentes, homossexuais ou não, pensam em suicídio, têm medo do mercado de trabalho, querem discutir o futuro, sentem vergonha de tomar atitudes que podem ser consideradas infantis para os adultos ou antiquadas para outros jovens. E, numa

fase de construção identitária, é necessário o reconhecimento de um grupo composto de identidades semelhantes. No caso, identidades ligadas à diversidade sexual.

A ANDI - Agência de Notícias dos Direitos da Infância, pesquisa periodicamente, desde 1997, a cobertura sobre a mídia jovem. Segundo relatório elaborado em 2007 existem, no Brasil, 22 veículos da mídia impressa direcionados ao jornalismo especializado no mundo jovem. E, desses poucos que existem, a maioria é direcionada ao público feminino.

Na última década do século XX, a chamada Mídia Jovem começou a crescer, tratando o jovem não mais como ser alienado, mas como consumidor e cidadão.

Entretanto, ao mesmo tempo em que o adolescente e o jovem começavam a ser reconhecidos como sujeitos de direitos, fortalecia-se a tendência de encará-los como consumidores. E foi particularmente no âmbito da mídia que a percepção de que a juventude representava um importante grupo consumidor ganhou maior visibilidade. (ANDI, 2007 p. 7)

A juventude passou a ocupar, nos últimos anos, lugar de destaque no mercado, extravasando o setor têxtil e de entretenimento, ao qual se restringia. A adolescência deixou de ser a “etapa estranha” da vida para ser uma fase de desejo de outras faixas etárias.

Essa longa crise, que alia o tédio, a insatisfação sexual sob alta pressão hormonal, a dependência em relação à família e a falta de funções no espaço público, acabou por produzir o que as pesquisas de marketing definem como uma nova fatia de mercado. A partir daí – viva o jovem! Passou a ser considerado cidadão porque virou consumidor em potencial [...] Ser jovem virou slogan, virou clichê publicitário, virou imperativo categórico – condição para se pertencer a uma certa elite atualizada e vitoriosa. (KEHL, 2004, p. 91-92)

No tocante à realidade LGBT, a juventude brasileira tem participado na construção de uma história por meio de relatos e como protagonista na revolução pela liberdade sexual. Aqui no Brasil podem ser citados grupos da contracultura, em que a homossexualidade pegou carona. Em nível internacional, pode-se falar de Harvey Milk, que incendiava a juventude com seus discursos.

Atualmente, a maior referência nacional é o *Grupo E-jovem de Adolescentes Gays, Lésbicas e Aliados*, uma organização não-governamental que compartilha informações sobre a diversidade e militância pelos direitos de LGBT em uma rede que agrega espaços físicos e

virtuais. Redes juvenis como o E-jovem têm um conteúdo farto para pautas jornalísticas, mas pouco suporte de mídia, o que os restringe a sites e pequenos informes impressos.

O principal objetivo deste projeto foi desenvolver um produto impresso no formato revista que, além de tentar suprir, ao menos mostre a carência de mídias voltadas para o público jovem LGBT.

Outro objetivo é destruir a imagem de que homossexualidade é uma “exclusividade de adultos” e que é intrínseca apenas à sexualidade. A revista **LGBTeen!** não tratará de assuntos ligados apenas à homossexualidade, mas de temas inerentes à homoafetividade ou, ainda, a uma espécie de “homorealidade”.

Partindo do pressuposto de que existe uma banalização do sexo, outro propósito da revista é refletir sobre o desenvolvimento da sexualidade dos adolescentes. Este é um assunto extremamente problematizado e relacionado às influências que o adolescente recebe do mundo externo durante o processo de socialização. Família, escola, religião, grupo social em que vive, círculo de amizades e os meios de comunicação de massa são fatores fundamentais para o desenrolar desse processo.

Mais um intento da revista é construir uma identidade da juventude LGBT e dar voz a ela. A revista será pautada pelos jovens e, em parte, produzida por eles. O produto final dependerá sempre da necessidade do público. Em geral, são adultos que julgam o que os adolescentes querem ler e escrevem segundo seus próprios conceitos.

Dentre outras metas, há a intenção de unir jovens e adolescentes em torno de alguns princípios, como a defesa dos direitos humanos; a ampliação do debate sobre assuntos ligados à sexualidade e convivência na diversidade; e a expansão do leque de direitos da juventude, que há pouquíssimo tempo vem ganhando visibilidade no Brasil.

O primeiro passo para a produção das duas edições da **LGBTeen!** foi conhecer a realidade da juventude LGBT, possibilitada ao participar ativamente dos projetos e reuniões do E-jovem e de grupos paralelos, como o *E-camp – O E-jovem em Campinas*. Ou conversando com integrantes de grupos chamados *GLADIOS – Gays, Lésbicas e Aliados pela Diversidade e contra o Ódio*, e acessando o E-kut – O Orkut do E-jovem. Alguns adolescentes foram abordados em espaços públicos, como praças ou festas.

Durante a convivência com o público alvo foi elaborado o mapeamento das necessidades de leitura, entre elas: a conceituação dos termos “adolescência” e “juventude” e suas realidades no Brasil; introdução a estudos sobre sexualidade e às práticas de letramento; o histórico do movimento LGBT brasileiro e suas expressões no meio jornalístico; revistas voltadas para o público adolescente; retomada de estudos sobre o formato revista, já iniciados durante o curso de Jornalismo; análises sobre planejamento gráfico-editorial, que impulsionou a escolha e contato com as fontes, a captação e tratamento de imagens, e análises e propostas discursivas.

A segunda etapa foi traçar o planejamento editorial, aprofundar as pesquisas e observação de revistas segmentadas para jovens e começar a produção de pautas, a escolha de fontes, filtragem dos assuntos recorrentes e escolha de eventuais colaboradores. Nesses espaços de interação os jovens debatem conceitos importantes como o direito à comunicação, ética, diversidade, e socializam suas experiências com pessoas de diferentes realidades sociais e regionais.

Com as pautas elaboradas, iniciou-se a seleção de imagens e as entrevistas, realizadas de maneira informal com 58 adolescentes. Essa parte do trabalho de campo foi uma das mais chocantes, pois encontrei adolescentes em situações extremas de risco, como prostituição, abandono, vítimas de violência ou de chantagem, adolescentes sem assistência médica ou familiar, além de suicidas.

Entrevistas com fontes secundárias, como psicólogos, psiquiatras e assistentes sociais, foram realizadas depois de investigadas as principais demandas dos adolescentes. Classifiquei essas fontes como secundárias, pois, desde o início, a intenção da **LGBTeen!** era mostrar para os adolescentes que existem pessoas com os mesmos conflitos sexuais que eles, e que eles podem conversar entre si, trocar informações e construir realidades.

Nem jornal, nem livro

3 REVISTA

Nem adulto, nem criança:
ADOLESCENTE!

Para elaborar as duas edições da **LGBTTeen!** foi realizada a leitura das recomendações bibliográficas feitas ao longo do curso de Jornalismo, com as quais foi possível traçar uma definição de como a revista se comporta e se configura na comunicação social.

Revista é o formato jornalístico conhecido como o que une de forma mais cuidadosa escrita e imagem no meio impresso. Historicamente, é considerada a modalidade mais elaborada para satisfazer aos leitores, tanto em relação ao trabalho estético das páginas quanto por oferecer informações mais analíticas e aprofundadas.

Essa afirmação tem sofrido questionamentos devido ao surgimento de cadernos ilustrados e semanais nos jornais impressos e ao avanço das TICs - Tecnologias de Informação e Comunicação, blogs individuais e agências de notícias.

No século XIX, o aumento nos índices de escolarização fez nascer uma população "alfabetizada que queria ler e se instruir, mas não se interessava pela profundidade dos livros" (SCALZO, 2003, p.19), que além de caros, carregavam um estigma de erudição e de acessórios apenas da elite.

Com o avanço técnico das gráficas, as revistas tornaram-se o meio ideal, reunindo vários assuntos num só lugar e trazendo belas imagens para ilustrá-los. [...] A revista ocupou assim um espaço entre o livro (objeto sacralizado) e o jornal (que só trazia o noticiário ligeiro). (SCALZO, 2003, p.19)

Revistas e jornais são, à primeira vista, meios impressos, tidos como documentais e comprometidos com a realidade. Tudo que é impresso "parece mais verdadeiro do que aquilo que não é" (SCALZO, 2003, p.12). Além dessa característica documental, eles são meios de consulta, informação e confirmação em relação ao rádio, à tevê e à internet.

Se um fato é veiculado com grande novidade e mobilização pública por essas mídias instantâneas, "é certo que jornais e revistas venderão muito mais no dia e na semana seguintes - eles servem para confirmar, explicar e aprofundar a história já vista na tevê e ouvida no rádio" (SCALZO, 2003, p.12-13).

Devido, também, à periodicidade, as revistas são, por conceito, melhor elaboradas e desenvolvidas que outros meios de comunicação. "Além de se distanciar ainda mais do tempo real da notícia, a publicação de periodicidade mais larga obriga-se a não perecer tão rapidamente, a durar mais nas mãos do leitor" (SCALZO, 2003, p.42). Mas deve ser evitado

afastar-se demais do tempo e do espaço, dando ao leitor uma notícia caduca ou sem novidades.

A análise e a interpretação do fato não podem prescindir do tempo e do espaço. Não os dispense de seu projeto, esteja sempre bem informado. Não tenha apenas informações puras e simples. Depure e compreenda o fato. A narrativa de um texto de revista é também um documento histórico. (VILLAS BOAS, 1996, p. 15)

Jornais diários, televisão e rádio, por exemplo, primam pela rapidez em dar a notícia do que propriamente pela qualidade na elaboração textual. O diferencial está na apuração de dados mais detalhada, informações mais completas e novidades sobre o fato. E, devido ao maior tempo para a produção do trabalho gráfico-editorial, pode-se recorrer a assuntos paralelos e efeitos gráficos para entreter e explicar, além de apenas informar.

Em revista, devido a esse tempo disponível entre as edições, é maior a possibilidade de se praticar um jornalismo especializado, investigar a realidade, esmiuçar, pesquisar, relacionar, complementar, além de conhecer o leitor a fundo e identificar seus interesses. Essa sintonia ajuda a transformar o leitor na essência da publicação, pois a revista “tem foco no leitor - conhece seu rosto, fala com ele diretamente” (SCALZO, 2003, p.15).

Como ilustrou Scalzo, as revistas são conhecidas por “aprofundar os assuntos - mais que os jornais, menos que os livros”. Mas não apenas isso. Várias outras características podem ser dadas às revistas. “Em primeiro lugar, revistas são objetos queridos, fáceis de carregar e de colecionar” (SCALZO, 2003, p. 12). Ou seja, a revista não é apenas um meio de informação, pois cria um vínculo de afeto, de durabilidade e colecionabilidade. Scalzo transcende o significado da revista e chega a personificá-la.

A propósito: o editor espanhol Juan Caño define "revista" como uma história de amor com o leitor. Como toda relação, essa também é feita de confiança, credibilidade, expectativas, idealizações, erros, pedidos de desculpas, acertos, elogios, brigas, reconciliações. Então, vamos discutir a relação. (SCALZO, 2003, p.12)

Essa “relação”, associada ao maior espaço de tempo na produção de uma revista, colabora na construção de um produto que, além de informar, tem também uma função social mais definida, com a possibilidade de educar, entreter, e participar na construção de

identidades. “Estudando a história das revistas, o que se nota em primeiro lugar não é uma vocação noticiosa do meio, mas sim a afirmação de dois caminhos bem evidentes: o da educação e o do entretenimento” (SCALZO, 2003, p.14).

Enquanto graduando, pude observar um grande debate no ambiente acadêmico acerca desse assunto: um grupo de profissionais e alunos que não acreditam na simbiose entre jornalismo e entretenimento, e outro grupo que valoriza a união desses dois elementos.

Nesse ponto, a propalada tensão entre jornalismo e entretenimento, no meio revista, torna-se uma discussão sem sentido. Há espaço para as duas coisas, desde que se perceba, é claro, os limites e possibilidades de cada área, sem querer misturar uma com a outra. (SCALZO, 2003, p.52)

Devido ao texto e à sofisticação visual, inspirados pelo universo do leitor, a revista é um veículo que, além de informar e entreter, também agrupa leitores, cria identificações e dá a sensação de que um grupo de pessoas está reunido – leitores, editores, jornalistas – amparados pela mesma plataforma: a revista.

Entre garotas, por exemplo, sabe-se que quem lê *Capricho* é diferente de quem não a lê. O fato de ler a revista transforma as meninas num grupo que tem interesses em comum e que, por isso, comporta-se de determinada forma. Não é à toa que leitores gostam de andar abraçados às suas revistas - ou de andar com elas à mostra - para que todos vejam que eles pertencem a este ou àquele grupo. Por isso, não se pode nunca esquecer: quem define o que é uma revista, antes de tudo, é o seu leitor. (SCALZO, 2003, p.12)

Outra característica que reforça a importância do leitor na produção da revista é a segmentação, normalmente pensada a partir de grandes correntes separadas por faixa etária, gênero, área geográfica e tema. O processo de segmentação em revistas tem ocorrências mais visíveis a partir dos anos 1990, quando as revistas tornaram-se populares e o mercado editorial precisava definir os diversos públicos.

Dentro dessas grandes correntes, é possível existir [...] "segmentação da segmentação". Por exemplo, partindo do público de pais de crianças, é possível fazer revistas para pais, para mães, para mães de bebês, para mães de bebês gêmeos, para mães de bebês gêmeos que moram em São Paulo... É possível estender e afunilar a lista até chegarmos a grupos muito pequenos - e se quisermos ir ao extremo, até chegar a cada indivíduo em particular. (SCALZO, 2003, p. 49)

Dessa maneira é possível chegar a grupos muitos pequenos de leitores, o que dá intimidade para tratar o leitor por “você”, usar gírias e termos específicos do grupo e a possibilidade até de prever reações. Para chegar a um bom resultado e cativar o leitor, é necessário definir uma especialização, que faz o veículo firmar-se em determinado tema a fim de visar o delimitado público. Com esse tratamento personalizado e especializado, a revista pode tornar-se referência no assunto.

O planejamento gráfico e editorial deve satisfazer as expectativas e complementar o repertório dos leitores. “Cada revista tem sua ‘voz’ própria, expressa na pauta, na linguagem e em seu projeto gráfica” (SCALZO, 2003, p.66). E a “voz própria” é definida pelo público, segmentado, em busca de um assunto filtrado e destinado a ele, ou seja, especializado.

É esse equilíbrio e essa coerência editorial da pauta, bem como o ordenamento das seções, colunas, entrevistas especiais etc., que vão definir a personalidade de uma revista. A cada edição o leitor vai encontrar, ao mesmo tempo, variedade e algumas marcas de identidade, que o permitem reconhecer e manter uma relação de familiaridade com sua revista predileta. (SCALZO, 2003, p.66)

Um dos fatores que contribuem para formar a identidade da revista e dar essa sensação de familiaridade entre leitor e revista pode ser condensado, principalmente, na aparência da revista, feita para agradar e informar ao mesmo tempo, e no texto, que se afasta da padronização. “Com mais tempo para extrapolações analíticas do fato, as revistas podem produzir textos mais criativos, utilizando recursos estilísticos geralmente incompatíveis com a velocidade do jornalismo diário” (VILLAS BOAS, 1996, p.9).

A linguagem é distinta em relação aos outros meios impressos, pois há mais liberdade, espaço e tempo para produção de textos com teor literário e experimentações. Uma evidência dessa liberdade é o pouco uso do lide - no qual a matéria começa respondendo às perguntas “Quem? Fez o quê? Quando? Como? Onde? Por quê?” – e a preferência por um estilo livre.

Genericamente, o texto de revista é considerado de maior liberdade, em termos de estilo. Sem dúvida que há certas rupturas com o jornalismo diário, muito mais preocupado com a velocidade e com a padronização do que com uma

interpretativa resposta aos porquês. Mas é preciso não levar isso muito em conta. Pelo menos não essencialmente. (VILLAS BOAS, 1996, p.34)

Algumas revistas optam por fundir expressões literárias à prática jornalística e, dessa maneira, satisfazem o leitor. Outras simplesmente se esforçam para conhecer o leitor e concluem a maneira mais agradável de informar.

Diferente do leitor de jornal, o de revistas espera, além de receber informação, recebê-la de forma prazerosa. Ele quer a informação correta, simples e clara - seja o exercício para o abdômen, a receita de bolo, a nota política, o roteiro de viagem - mas quer também um texto que não seja seco, como um mero aperto de mão. (SCALZO, 2003, p.76)

Em suma, há muitos aspectos em relação às revistas, como a especialização, a segmentação, a periodicidade, a presença de conteúdo analítico e interpretativo; exploração de diversos ângulos devido ao maior espaço oferecido para o assunto; o ritmo gráfico e editorial; a durabilidade da informação, que não se restringe a fatos; a durabilidade do suporte, já que as páginas são mais resistentes que as dos jornais, o que torna a revista um bom produto para colecionadores; design refinado em relação a jornais impressos, imagens artísticas etc. (SCALZO, 2003; VILLAS BOAS, 1996)

Mesmo que a essência da revista seja o leitor, o jornalista que trabalha em revista é o maior responsável por ela. A liberdade de criação e expressão não pode interferir no labor jornalístico. O profissional de revista deve, também, dedicar-se a leituras, ser curioso, comprometido com a verdade, ter uma boa cultura geral, livrar-se de preconceitos, desenvolver a criticidade, inclusive sobre o próprio trabalho, e comprometer-se com suas responsabilidades. "Os grandes princípios que regem o jornalismo em geral são, portanto, os mesmos que devem ser seguidos pelo profissional que deseja trabalhar em revistas" (SCALZO, 2003, p.53).

Entendendo os entendidos

4 DIVERSIDADE SEXUAL

A Galeria do Amor
Composição: Agnaldo Timóteo

Numa noite de insônia saí
Procurando emoções diferentes
E depois de algum tempo parei
Curioso por certo ambiente
Onde muitos tentavam encontrar
O amor numa troca de olhar
Na galeria do amor é assim
Muita gente a procura de
Gente
A galeria do amor é assim
Um lugar de emoções
Diferentes
Onde gente que é gente se
Entende
Onde pode se amar
Livramento
Numa noite de insônia saí
E encontrei o lugar que
Buscava
A galeria do amor me acolheu
Bem melhor do eu mesmo
Esperava
Hoje eu tenho pra onde fugir
Quando a insônia se apossa de
Mim
Na galeria do amor é assim
Muita gente a procura de gente
A galeria do amor é assim
Um lugar de emoções diferentes
Onde gente que é gente se
Entende
Onde pode se amar livremente
Onde gente que é gente se
Entende
Onde pode se amar livremente

As bases de estudo sobre a temática LGBT, usadas na elaboração da revista ***LGBTeen!***, foram construídas a partir de leituras sobre o processo de politização, visibilidade e consolidação desse grupo minoritário, com destaque no contexto nacional.

O intuito deste trabalho é produzir um material jornalístico voltado para um público LGBT considerando sua participação na história brasileira. Portanto, a leitura de artigos científicos, teorias biológicas, psicológicas e sociológicas sobre a diversidade da orientação sexual e das publicações que investigam o caráter inato da homossexualidade foi apenas introdutória.

Materiais sobre a história das análises científicas referentes à homossexualidade foram consultados para a apreensão de noções sobre a antiga e a moderna sexologia. Entre os objetivos estava a necessidade de compreender o surgimento dos estudos sobre homossexualidade, outrora tratada como casos de “inversão sexual”, “terceiro sexo” ou simplesmente anomalia; conhecer teorias sobre sexualidade, como a inaugural de Henry Havelock Ellis (1859-1939); assim como as experiências sociais sobre o desenvolvimento psicosexual elaboradas por Sigmund Freud (1856-1939); os famosos relatórios do biólogo Alfred Kinsey (1894-1956); e as pesquisas e teorias atuais que são expostas em congressos contemporâneos, como a de Simon Le Vay, que postulou uma correlação entre a orientação sexual e a estrutura celular do hipotálamo.

Argumentos em favor do caráter inato e imutável da homossexualidade “já apareciam no pensamento de alguns sexólogos europeus, na virada do século XIX para o século XX, responsáveis pela elaboração de uma teoria moderna sobre a sexualidade”. (SIMÕES, 2009, p. 29). Considerou-se, contudo, que o Código Internacional de Doenças não registra mais a homossexualidade como patologia e que, desde 1985, o Conselho Federal de Medicina retirou a homossexualidade da condição de desvio sexual. A partir da década de 1980, publicações voltadas ao estudo da sexualidade humana começaram a se popularizar e a destruir conceitos.

A nossa sexualidade, em suma, compõe-se de uma combinação do corpo que temos (nosso sexo biológico), das pessoas por quem sentimos desejo (nossa orientação sexual), de quem achamos que somos (nossa identidade sexual) e como nos comportamos (nosso papel sexual). Cada pessoa tem uma combinação toda sua desses quatro espectros de sexualidade, e é perfeitamente natural que boa

parte de nós seja diferente do modelo de homem 100% hétero machão e mulher 100% hétero fêmea em algum espectro. (PICAZIO, 1998, p.23)

A sexualidade tornou-se tema cotidiano na agenda jornalística, mas as proporções são destoantes das do cenário mundial ao considerar a sensualidade e excentricidades eróticas do povo brasileiro, historicamente conhecido por práticas homoeróticas, desde os “tupinambás tão luxuriosos (...) que têm tenda pública a quantos os querem por mulheres públicas”, citados no “Tratado descritivo do Brasil em 1587”, por Gabriel Soares de Souza.

Enquanto no Brasil as referências à sodomia não fazem parte do Código Penal desde 1830, nos Estados Unidos e na Europa a homossexualidade foi considerada crime até o início do século XX. O Brasil é reconhecido internacionalmente - e divulgado por algumas agências de turismo – como o paraíso sexual, dos corpos dourados e liberais, da prostituição escancarada, e ainda, como o país com a maior Parada LGBT.

A publicidade difunde uma imagem de um país no qual as pessoas andam quase nuas nas praias, com mulatas, de modo que há uma associação entre as imagens do carnaval com as de paraíso sexual. Mais recentemente, o Brasil também é vendido como um paraíso gay, indicando um país onde há muita tolerância e liberdade em relação à homossexualidade, tanto masculina quanto feminina. Na realidade, não é exatamente assim que se passa. (HEILBORN, 2006, p. 49)

Esse cenário de tolerância e permissividade sexual, porém, encobre a realidade de muitas violências, injustiças e tabus que transformaram a homossexualidade em pecado, doença ou falta de vergonha. Essas são as justificativas para impedir que as pessoas desejem outras do mesmo sexo, ameaçadas de perdas afetivas, materiais e sociais. Além da possibilidade de sofrerem chantagens, violências, exclusões, e de perderem 37 direitos. (DIGNIDADE, 2008, p. 13)

No Brasil, algumas religiões continuam perseguindo homossexuais. Até maio de 2009, de acordo com ABGLT, 80 países criminalizavam a homossexualidade e em sete países a punição ainda é a pena de morte. Adolescentes, especialmente travestis e transexuais, inflam os índices de evasão escolar e, mais tarde, vêem a prostituição como única alternativa de renda.

Não é por acaso que o ativismo tem enfatizado a denúncia das violências específicas contra a homossexualidade. De modo semelhante à “misoginia” ou o “machismo”, para o caso do movimento feminista, e ao “racismo”, para o caso do movimento negro, a homofobia aparece para o movimento LGBT como uma âncora a partir da qual se procura estruturar as identidades coletivas associadas ao movimento e legitimar a perspectiva de outras conquistas no campo dos direitos e da política. (SIMÕES, 2009, p. 25)

A homossexualidade ganhou espaço monumental nesse processo. Debatem-se os limites de tolerância, ou o quê poderia ser criminalizado ou não. São discutidos quais casos e circunstâncias deveriam receber a atenção de políticas públicas e amparo legal.

As controvérsias públicas em torno da homossexualidade, assim como sobre outras categorias de identidade referidas ao corpo, ao gênero e à orientação do desejo, fazem parte de uma luta mais ampla em torno do que é tido como moral, saudável, legítimo e legal em termos de sexo e de tudo aquilo que constitui o senso primordial da identidade da pessoa e seus laços sociais fundamentais. São, assim, uma evidência a mais – se ainda há quem precise ser convencido – de que a sexualidade, longe de ser matéria confinada à intimidade e à privacidade de cada qual, é um terreno político por excelência. (SIMÕES, 2009, p. 12)

Atualmente, são realizadas pesquisas sobre vitimização nas paradas do Orgulho LGBT, envolvendo instituições de pesquisa como o CLAM - Centro Latino-americano em Sexualidade e Direitos Humanos, o Departamento de Antropologia da USP, O Núcleo de estudos de gênero Pagu, da Unicamp, e a Associação da Parada do Orgulho LGBT de São Paulo. Algumas dessas pesquisas evoluíram para publicações que foram consultadas durante a elaboração deste Projeto Experimental, e podem ser encontradas nos sites dessas instituições.

Dados obtidos nas pesquisas realizadas no Rio de Janeiro, Porto Alegre, São Paulo, e Recife, entre os anos de 2003 e 2006, apontam para um índice que varia de 56% a 70% de pessoas que relataram ter sofrido discriminação em razão de sua sexualidade. No que diz respeito a experiências de agressão, os dados são muito consistentes, e ficaram entre 58% e 65% nas quatro edições da pesquisa. [...] Uma afirmação alarmante é a de que um percentual, em torno de 30% a 40% das pessoas que afirmaram ter sofrido agressão não a relataram a ninguém, nem mesmo a um amigo, ilustrando a vulnerabilidade dessa população e a invisibilidade da homofobia. (SIMÕES, 2009, p. 27)

Em 2008, foi realizada a Conferência Nacional GLBT, em Brasília, a fim de elaborar propostas para o Plano Nacional de Promoção da Cidadania e Direitos Humanos de LGBT. A conferência foi resultado do reconhecimento da demanda do movimento pelo Governo, com

559 propostas aprovadas na plenária final. Algumas delas, voltadas para a infância e juventude LGBT, principalmente na área da Educação, como a seguinte: “Que sejam realizadas, com a participação de crianças e adolescentes GLBT, campanhas de prevenção à DST/AIDS, de combate à homofobia e contra a exploração sexual.” (<http://www.conferencianacionalglbt.com.br/view/templates/arquivos/ANAIS.pdf>).

Afirmando publicamente que a juventude GLBT existe.

Nesse evento foi decidida a sigla LGBT e, embora predomine esta nos meios ativistas, é eventualmente usada de formas variadas, invertendo a ordem de algumas letras ou acrescentando outras, como o I de “intersexual”.

Até 1992, o termo usado era “movimento homossexual brasileiro”, às vezes designado pela sigla MHB, e os congressos de militância eram chamados de “encontros de homossexuais”. O termo “lésbicas” passou a ser usado no Encontro de 1993, enquanto a denominação “gays e lésbicas” foi empregada no Encontro de 1995. [...] O termo “travestis” foi acrescentado a “gays e lésbicas” no Encontro de 1997, e os termos “bissexuais” e “transexuais” foram incluídos no Encontro de 2005, quando se formaram também as respectivas redes de associações nacionais desses segmentos. (SIMÕES, 2009, p. 15)

Após entender o que está por trás da sigla LGBT e como as diversidades sexuais foram tratadas na sociedade, foi possível fazer um esboço da atuação desse grupo. No próximo capítulo está exposta uma breve trajetória do movimento LGBT no Brasil e sua atuação nas últimas décadas.

Do armário para as ruas

5 MOVIMENTO LGBT

“Neste aniversário de Stonewall,
peço a minhas irmãs e irmãos gays para fazer o compromisso de lutar.
Para si, pela sua liberdade, para o seu país...
Não conquistaremos nossos direitos ficando tranquilos em nossos armários...
Estamos saindo para lutar contra as mentiras, os mitos, as distorções.
Estamos saindo para dizer as verdades sobre gays,
porque estou cansado da conspiração do silêncio,
então eu vou falar sobre isso.
E eu queria que vocês falassem sobre isso.
Vocês devem sair.
Revelem-se a seus pais, a seus parentes [...]
E os jovens gays em Altoona, Pennsylvanias e em Richmond, Minnesotas
que estão saindo do armário e ouvindo Anita Bryant na televisão e sua história.
A única coisa que eles têm pela frente é a esperança.
E você tem que dar-lhes esperança.
Esperança para um mundo melhor, esperança de um amanhã melhor,
a esperança de um lugar melhor para ir se as pressões em casa são muito grandes.
Espero que todos fiquem bem.
Sem esperança, não só os gays, mas os negros, os idosos, os deficientes, os americanos,
os americanos vão desistir.
E se você ajudar a eleger para o comitê central
e para outros cargos mais pessoas homossexuais,
isso dá uma luz verde para todos os que se sentem privados,
uma luz verde para avançar.
Significa esperança para uma nação que tem abandonado,
porque se um homossexual consegue isso,
as portas estão abertas a todos.”

Harvey Bernard Milk

As primeiras lutas do emergente ativismo homossexual se voltaram contra a criminalização da homossexualidade, como a campanha liderada por Magnus Hirschfeld na virada do século XIX para o século XX, para abolir o parágrafo 175 do Código Penal da Alemanha, que punia o comportamento homossexual entre homens. Entre as décadas de 1910 e 1920, o movimento por reforma sexual alcançou o máximo de sua repercussão na Europa, com a abolição das leis anti-homossexuais na Rússia pelo governo bolchevique, em fins de 1917, a fundação do Instituto de Ciência Sexual em Berlim por Hirschfeld, em 1919, a realização de congressos internacionais e a formação de uma Liga Mundial para Reforma Sexual, em 1928, tendo como presidentes honorários Hirschfeld e Havelock Ellis. (SIMÕES, 2009, p. 40)

Durante toda a história do ativismo homossexual podem-se encontrar ações estratégicas com a participação de intelectuais, cientistas e estudiosos, agrupamentos políticos e sociais, a fim de promover igualdade e justiça. No Brasil, o movimento começou com o mesmo intuito, impulsionado por fatores trágicos no mundo, especialmente na Europa.

O maior deles foi o envio de prisioneiros gays a campos de concentração, obrigados a costurar a marca de um triângulo rosa nos uniformes, como forma de segregação. Estima-se que os nazistas “tenham exterminado 220.000 gays durante o Terceiro Reich. Dos mais de 50.000 casos documentados de homens homossexuais presos, 4.000 eram menores de idade” (PICAZIO, 1998, p.15). Um triângulo negro identificava lésbicas, prostitutas, mulheres sem crianças ou que estivessem fora do padrão de mulher casada e com filhos.

No período pós-guerra europeu foram criadas organizações que lutavam pela descriminalização das relações homossexuais, como o Cultura en Ontspanningscentrum, na Holanda, fundado em 1946 e ainda em atividade; o Forbundet, em 1948, na Dinamarca; e o Arcadie, na França, em 1954. Nos Estados Unidos, ativistas fundaram em 1951 o Mattachine Society, em Los Angeles.

Em 28 de junho de 1969 um evento marcou definitivamente a emergência do chamado “Poder Gay”: a polícia de Nova York tentou interditar o Bar Stonewall Inn, freqüentado por homossexuais, e foi travada uma guerra de pedras, verbos e garrafas. A data foi consagrada como o “Dia do Orgulho Gay e Lésbico”. Tudo o que era considerado fonte de vergonha e mantido na clandestinidade tornou-se visível e motivo de orgulho. O ato de assumir-se, ou “sair do armário”, começou a virar prática como sinal de resistência às

opressões, a fim de mostrar que a minoria homossexual não é tão pequena quanto se imaginava.

No Brasil, desde meados de 1950 era possível encontrar grupos que se dedicavam à sociabilidade e encontros que reuniam principalmente homens. Essas associações contribuíram para formação de uma cultura e fortaleciam o relacionamento entre pessoas que sofriam exclusões. Duas décadas depois uma aura politizada foi incorporada em diversos grupos.

O projeto de politização abraçado pelo movimento homossexual definiu-se em grande parte por contraposição a essas associações presentes no “gueto”, cuja atuação era qualificada pelos militantes emergentes como despolitizada e até mesmo reforçadora da vergonha e do preconceito que atingiam a homossexualidade. Mas cabe reconhecer que essas associações e suas iniciativas eram formas criativas e relevantes de informação, expressão e ligação de pessoas que sofriam com o estigma da homossexualidade numa época de maior clandestinidade e repressão. (SIMÕES, 2009, p. 63)

Na década 1960 aumentaram os grupos de sociabilidade homossexual masculina. Aumentou também a perseguição policial aos homossexuais, que eram considerados delinqüentes. Os registros sobre espaços de convivência de mulheres homossexuais aparecem nessa década.

[...] num ambiente em que, segundo depoimentos obtidos pela historiadora Nadia Nogueira, “tudo era muito velado” e “praticado com extrema discrição”. Uma entrevistada lembrou que um sinal distintivo entre elas era o uso de sapato mocassim: “pelos pés, uma reconhecia a outra” (SIMÕES, 2009, p. 67-68)

O combate à visão depreciativa da homossexualidade, no Brasil, começou maciçamente nos anos 1970, num cenário desenhado pela contracultura e pela visibilidade do movimento feminista e negro. A primeira metade da década corresponde aos Anos de Chumbo, com barbaridades cometidas pelos órgãos da repressão política. “Os territórios ampliados de sociabilidade homossexual eram alvo regular de incursões policiais e parapoliciais [...] a pretexto de combate à vadiagem e ao tráfico de drogas” (SIMÕES, 2009, p. 74)

O movimento político em defesa da homossexualidade foi marcado pela formação do grupo Somos, na cidade de São Paulo, em 1978, e pelo lançamento do tablóide “Lampião”, de cunho social e político. Enquanto isso, a androginia e a moda unissex eram desfiladas não

só pelos internacionais David Bowie e Alice Cooper, como pelos tropicais Caetano Veloso, José Wilker e Secos&Molhados, com Ney Matogrosso.

Um dos momentos cruciais na história do movimento foi o enfrentamento da eclosão da epidemia do HIV-Aids, a partir dos anos 1980, que levou muitas lideranças a se voltarem para o combate à doença. Nessa década, a militância adotou um estilo de atuação mais preocupado com aspectos formais de organização institucional, voltada para a garantia de direitos civis e luta contra a violência, sendo exemplo o GGB - Grupo Gay da Bahia. Conduzido pelo antropólogo e ativista Luiz Mott, o GGB procede até hoje à captação, avaliação e divulgação de dados sobre crimes contra homossexuais, possibilitando que os poderes públicos reconhecessem as dimensões da violência.

Outro ícone dessa década foi João Antônio Mascarenhas.

Em 1985, Mascarenhas ressurgiu no contexto político brasileiro, colaborando com uma das principais vitórias do Movimento Homossexual Brasileiro, quando o Conselho Federal de Medicina retirou "homossexualismo" da classificação de doenças. Volta à cena durante a elaboração da Constituição Federal, quando tornou-se o primeiro homossexual a ser convidado para falar à Assembléia Nacional Constituinte, a fim de debater a inclusão do termo "orientação sexual" no artigo 3º, inciso IV, que estabelecia "o bem de todos, sem preconceitos contra quaisquer formas de discriminação." (DIGNIDADE, 2008, p. 15)

No dia 28 de janeiro de 1988, a inclusão do termo foi rejeitada por 429 dos 559 políticos que exerciam mandato no Congresso Nacional.

A partir de 1990 começa o visível crescimento de organizações não-governamentais, preocupadas com o estabelecimento de relações midiáticas e parlamentares. Surgem listas e fóruns de discussão na internet a cada dia, multiplicando e agregando pessoas interessadas no ativismo, contribuindo, principalmente, na organização de políticas de visibilidade.

Em 31 de janeiro de 1995 foi criada a ABGLT - Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais, atualmente a maior rede LGBT na América Latina, com 220 organizações afiliadas.

A missão da ABGLT é promover a cidadania e defender os direitos de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais, contribuindo para a construção de uma democracia sem quaisquer formas de discriminação, afirmando a livre orientação sexual e identidades de gênero. (<http://www.abglt.org.br>)

A maior visibilidade do movimento LGBT atual é expressa pelas Paradas do Orgulho LGBT, seguidas por projetos de lei em todos os níveis do Legislativo, pela formação de Frentes Parlamentares em âmbito estadual e nacional e pelos esforços realizados a fim de pleitear direitos no âmbito do Judiciário.

O cenário começou a mudar no Parlamento em 1995: jurisprudências favoráveis a casos de união civil; aquisição de direitos de previdência e herança; questões relativas à guarda, tutela e adoção de crianças por casais homossexuais, muitas com resultado positivo; iniciativas e leis aprovadas para combater formas de violência e discriminação, criando, inclusive, o neologismo “homofobia”. Mais de 70 municípios, dez estados da Federação e o Distrito Federal promulgaram leis de proibição a discriminação por orientação sexual.

Em 2004, a Secretaria Especial dos Direitos Humanos do Governo Federal lançou o “Brasil sem homofobia: programa de combate à violência e à discriminação contra GLBT e de promoção à cidadania homossexual”. O intuito é formular ações junto a instâncias gestoras de educação, saúde, justiça e segurança, além de promover a cidadania LGBT e outros objetivos ligados à causa.

[...] Brasil sem Homofobia, sinaliza, de modo claro, à sociedade brasileira que, enquanto existirem cidadãos cujos direitos fundamentais não sejam respeitados por razões relativas à discriminação por: orientação sexual, raça, etnia, idade, credo religioso ou opinião política, não se poderá afirmar que a sociedade brasileira seja justa, igualitária, democrática e tolerante. (CONSELHO NACIONAL DE COMBATE À DISCRIMINAÇÃO, 2004, p. 13-14)

O movimento LGBT atual é uma entidade multifacetada, com organizações que se dedicam, cada qual, a uma atividade – eventos de visibilidade, defesa política, social e jurídica, pesquisas e trabalhos acadêmicos, ações de enfrentamento a doenças e auxílio das vulnerabilidades. Outras ainda de apoio familiar, assistência social, redução de danos, atuação junto a outros grupos marginalizados, como negros, indígenas, ciganos e, claro, adolescentes.

Podemos compreender, assim, que a relevância do ativismo LGBT não reside apenas em sua resistência às formas de degradação, intolerância, perseguição e mesmo criminalização da homossexualidade, ou em seu esforço de tornar públicas e visíveis experiências minoritárias, silenciadas ou marginalizadas (o que não é pouco). Ela está, sobretudo, em sua potencialidade de desafiar os saberes convencionais e as estruturas de poder inscritos na sexualidade que alicerçam a vida institucional e cultural de nosso tempo. (SIMÕES, 2009, p. 35)

Sapatas e bichas em pauta

6 IMPRENSA LGBT

Brasil, março de 1978.

Ventos favoráveis sopram no rumo de uma certa liberalização do quadro nacional: em ano eleitoral, a imprensa noticia promessas de um Executivo menos rígido, fala-se na criação de novos partidos, de anistia; uma investigação das alternativas propostas faz até com que se fareje uma “abertura” no discurso brasileiro.

Mas um jornal homossexual, para quê?

Trecho do Editorial de lançamento de *Lampião*.

As expressões gráficas da desconhecida realidade homossexual no Brasil já completaram 100 anos. Com várias configurações, os homossexuais foram representados em diversos estilos e formatos. Na primeira metade do século XX as imagens dos gays eram representadas com aspecto humorístico, a partir de personagens efeminados em busca de aventuras sexuais e românticas.

Nos primeiros anos de 1900 alguns cartunistas desenhavam jovens delicados em imagens carregadas de homo-erotismo. Uma das ilustrações mais conhecidas saiu na revista humorística *O Malho*, em 1904, acompanhando um poema chamado *Fresca Theoria*. O poema e a charge satirizavam os homens que passeavam e flertavam outros homens na Praça Tiradentes, no Rio de Janeiro

Outras aparições foram expressas em forma de pornografia homoerótica, datadas de 1914, e ilustravam o conto *O Menino do Gouveia*, na revista *Rio Nu* e assinada pelo pseudônimo Capadócio Maluco. *Gouveia* era uma gíria usada para caracterizar homens que se envolviam com garotos mais jovens.

A partir da década de 1960, com o surgimento de movimentos da contracultura e a quebra de padrões sociais, a imprensa alternativa começou a se manifestar e representar a voz das minorias, entre elas, os homossexuais. Entre 1962 e 1969 funcionou, extra-oficialmente, a Associação Brasileira de Imprensa Gay, dirigida por Agildo Guimarães e Anuar Farah, no Rio de Janeiro, fechada pelo regime militar. Entre várias publicações, o *Snob* foi a primeira voltada pra o público homossexual.

Foi por ocasião de uma das festas de turmas homossexuais masculinas no Rio de Janeiro, em 1963, com a realização de um concurso de Miss Traje Típico, que Agildo Guimarães, um jovem que emigrara do Recife dez anos antes, teve a idéia de lançar um jornal de duas páginas datilografadas, para protestar contra o resultado do concurso. (SIMÕES, 2009, p. 69)

O jornaleco mimeografado circulava entre conhecidos na Cinelândia e em Copacabana. O conteúdo tinha ênfase no colunismo social e inspirou a criação de outros, como o *Okzinho* da Turma OK. Em pouco tempo, o *Snob* tornou-se uma publicação que variava entre 30 e 40 páginas e manteve seu colunismo social, incluindo concursos de contos, entrevistas, ilustrações e pessoas que saiam do armário e queriam se expressar. Em

1969 encerrou as atividades devido à maior repressão contra a imprensa durante o governo do general Emílio Médici.

Entre os anos 1960 e início dos 1970 circularam aproximadamente 40 dessas produções caseiras, de vida muito curta. Os mais conhecidos foram: *Snob*, *Le Femme*, *Subúrbio à Noite*, *Gente Gay*, *Aliança de Ativistas Homossexuais*, *Eros*, *La Saison*, *O Centauro*, *O Vic*, *O Grupo*, *Darling*, *Gay Press Magazine*, *20 de Abril*, *O Centro*, *O Galo*, *Os Felinos*, *Opinião*, *O Mito*, *Le Sophistique*, *Tiraninho* e *Conde Gay*.

Em Salvador, o jornalista Waldeilton di Paula editou o *Fatos e Fofocas* (1963-1967), quinzenal, de exemplar único que circulava de mão em mão; *Zéfiro* (1967) e *Baby* (1968), datilografados; e o *Little Darling* (1970), que além de colunismo social e fofocas da comunidade gay trazia críticas de cinema e teatro, passando a chamar-se *Ello* em 1978.

No final da década de 1970, o jornalista Frederico Jorge Dantas editou e distribuiu os cadernos *Eros* e *Entender*, com um conteúdo que fugia do colunismo social. Outros impressos paulistas foram o *Jornal do Gay* e o *Gente Gay*.

A inclusão na grande imprensa aconteceu pelas mãos de Celso Curi, em 1976, com a *Coluna do Meio* que integrava o jornal popular *Última Hora*, do Grupo Folha, de São Paulo. De periodicidade diária, era voltada explicitamente para o público homossexual, de cunho informativo e social, publicando a abertura de locais de sociabilidade homossexual e informações sobre o movimento gay e lésbico dos Estados Unidos e outros países.

O colunista recebia de 30 a 40 cartas diárias, algumas para participar do *Correio Elegante* que compunha a coluna, outras com manifestações de apoio ou repúdio. “Ao longo de três anos de existência, de 1976 a 1979, a coluna sofreu processo movido pela União com base na Lei de Imprensa, por suposta ofensa à moral e aos bons costumes”. (SIMÕES, 2009, p. 78).

Em 1977 nasce o *Beijo*, que teve apenas seis edições. Foi o primeiro jornal a atacar maciçamente o preconceito contra a homossexualidade e a rebater o que era veiculado em outros meios de informação.

Em 1978, é lançado um jornal que discutia a necessidade de conscientização e mobilização da comunidade homossexual e da sociedade, deixando o colunismo social de lado e incentivando a saída do gueto. O nome do jornal era *Lampião da Esquina*, que tornou-

se apenas *Lampião* a partir do segundo número. Aguinaldo Silva, principal editor do jornal, explica o nome.

O nome do jornal? Há uma lista imensa, mas o que me agrada é *Lampião*. Primeiro, porque subverte de saída a coisa machista: um jornal de bicha com nome de cangaceiro? Segundo, pela idéia de luz, caminho, etc. E terceiro, pelo fato de ter sido *Lampião* um personagem até hoje não suficientemente explicado: olha aí outro que não saiu das sombras. (SIMÕES, 2009, p. 83)

Na maré alta dos movimentos de contracultura, rebeldia e florescimento da imprensa alternativa, surgiu esse que é o primeiro veículo de comunicação de massa voltado diretamente para a discussão dos direitos das classes excluídas, como negros, mulheres, índios e, principalmente, homossexuais. Tinha o formato tablóide, com 10 mil exemplares de dezesseis páginas e periodicidade mensal.

O jornal se propunha a “sair do gueto” e ser um veículo pluralista aberto a diferentes pontos de vista sobre diferentes questões minoritárias. Isso foi posto em prática com a publicação de matérias sobre movimento feminista, movimento negro, transexualidade, sadomasoquismo, populações indígenas, prisioneiros, ecologia e até mesmo uso de maconha. Também se preocupava com as condições dos que se dedicavam à prostituição masculina e feminina, tendo realizado matérias e entrevistas com travestis, garotas e garotos de programa. (Simões, 2009, p.86)

Sua circulação coincidiu com a explosão da pornografia no Brasil, decorrente, entre outros motivos, da distensão política, do fim da censura formal e de uma demanda reprimida por corpos nus. Em poucos meses a tiragem passou a 15 mil exemplares mensais e a distribuição extrapolou o eixo Rio-São Paulo.

No seu conteúdo havia reportagens, entrevistas, ensaios artísticos, poemas e contos, além de páginas de noticiário geral e opinião. Cartas de leitores e notas contra atos preconceituosos tinham grande destaque, transformando as páginas do *Lampião* em um espaço de visibilidade e expressão comunitária. Nos últimos números começou a publicar fotos eróticas, perdendo a credibilidade, pois a indústria cultural era uma grande concorrente em relação a materiais pornográficos, de melhor qualidade e mais baratos. O *Lampião* “apagou” em junho de 1981, completando 31 edições.

No *Lampião* desfilaram nomes como o do jornalista e escritor Aguinaldo Silva, que na época era repórter policial do *O Globo*; o crítico de música popular, Antonio Chrysóstomo, que trabalhava na *Veja* e no *O Globo*; o artista plástico Darcy Penteado; o jornalista e escritor Gasparino Damata; Jean-Claude Bernardet, crítico e pesquisador de cinema; além de João Antônio Mascarenhas, João Silvério Trevisan, o antropólogo social Peter Fry, Adão Costa, Clóvis Marques e Francisco Bittencourt, entre outros.

A partir de 1980, o nu masculino tomou conta da imprensa homossexual. Algumas das publicações de maior circulação foram *Naturismo*, *Gato*, *Alone Gay* e *Young Pornogay*. Mesmo com a predominância da pornografia, algumas dessas publicações discutiam questões ligadas à homossexualidade. A revista *Rose*, que não era totalmente voltada para gays, publicava anúncios homossexuais na sua seção de cartas.

Nessa década, marcada pela epidemia da AIDS, começam a surgir boletins que tinham o intuito de informar sobre a comunidade. Entre eles, o *Boletim Abia*, da Associação Brasileira Interdisciplinar da Aids; o *Boletim Pela Vidda*, publicação do Grupo Pela Vidda, e o *Voz Positiva*, editado pela organização não-governamental *Gestos*. Surgem também publicações voltadas ao entretenimento e cultura como o *Grito de Alerta* (1994) e o *Nós por Exemplo* (1992), editado pelo *Grupo Noss*.

Em janeiro de 1995, quando as revistas segmentadas começaram a surgir nas bancas, foi lançada a revista mensal *Sui Generis*, com tiragem de 30 mil exemplares, de abrangência nacional. Foi “a primeira tentativa em quase 15 anos – desde o final do *Lampião* [...] de produzir uma publicação voltada ao público homossexual, que não se limitasse a reproduzir fotos eróticas e tratasse de cultura e comportamento” (Simões, 2009, p. 137).

Assim como em *Lampião*, a linha editorial da *Sui Generis* fugia da pornografia e abordava as generalidades do universo gay, com assuntos de interesses dos homossexuais, sobre comportamento, cidadania, cultura, esporte e saúde. A revista parou de circular em 2000.

Depois dela surgiram vários títulos específicos para o que se chamou de público GLS – termo criado pelo jornalista André Fischer e que significa Gays, Lésbicas e Simpatizantes. Podem ser citadas: a *Homens* (1997), a *Bananaloca* (1997) que tornou-se *G Magazine* (1998) na quinta edição, a *Gold* (1999) e a *Íntima & Pessoal* (1999).

As revistas mais atuais já nasceram num mercado consumidor com identidade mais definida, adequado a fenômenos modernos de comportamento e exigente por conteúdos menos sexuais. Surgem as revistas *Junior* (2007), concentrada em matérias de moda, cultura, comportamento, turismo e fitness; *DOM – De Outro Modo* (2007), que busca difundir a imagem do gay moderno e vaidoso; e *Aimé – Primus inter pares* (2008), declaradamente direcionada a homossexuais com grande poder aquisitivo. Essas publicações construíram outros padrões e imagens da homossexualidade.

Pode-se notar nessas revistas atuais o comprometimento com o jornalismo e a tentativa de extinguir os estereótipos que associam a homossexualidade à pornografia, mostrando a imagem dos modernos LGBTs que participam da sociedade e entendem de arte, cultura, política, estética, saúde e finanças.

Esses adultos estão perdidos

7 ADOLESCÊNCIA E JUVENTUDE

"De todos os animais selvagens, o homem jovem é o mais difícil de domar"

Platão, Leis, 808

Curiosidade: Platão viveu entre 427-347 a.C.

“Assim, pois, ao que parece, estabelece como lei na cidade que vamos construir que o amante pode beijar o jovem, estar com ele, tocar-lhe, como a um filho, tendo em vista ações belas, e se for por meio da persuasão; mas em tudo o mais o seu convívio com o objeto do seu interesse deve ser tal que nunca pensem dele que as suas relações vão além disso; caso contrário, incorrerá na censura de ignorante e grosseiro.”

Sócrates. Trecho retirado do livro *A república*, de Platão.

Curiosidade: Sócrates foi acusado de corromper a juventude.

A classificação etária da adolescência é uma convenção cultural, classificada por limites temporais e rituais de passagem, variáveis em cada sociedade. Esta atribui status, responsabilidades, direitos e deveres específicos aos integrantes de determinada idade.

Nas sociedades ocidentais modernas o período que abarca a adolescência é oscilante. Não há um consenso entre estudiosos e instituições quanto às fronteiras dessa fase da vida. O prolongamento da adolescência, ou da juventude, acompanha um ambiente de transições como, por exemplo, a ampliação do período escolar ou as exigências do mercado de trabalho ou de consumo.

Há outras transições de destaque, como a passagem do rural para o urbano, do agrário para o industrial e até do industrial à sociedade do conhecimento. No mesmo ritmo, o significado de "juventude" alarga-se e assume dimensões inéditas na história da humanidade (ABRAMOVAY, 2006, p. 10)

Os limites para a adolescência e para a juventude são variados. Segundo a Organização Mundial da Saúde - OMS, adolescente é o indivíduo que se encontra na faixa entre 10 e 19 anos. Também em âmbito internacional, a Organização Internacional do Trabalho - OIT divide a juventude em duas fases: a fase da adolescência, dos 15 aos 19 anos, e a juventude, dos 20 aos 24. No Brasil, o ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei Federal nº 8.069 de julho de 1990, situa a adolescência entre os 12 e 18 anos incompletos, assim como a Organização das Nações Unidas - ONU. Em relação à juventude, outros limites.

Para a Organização das Nações Unidas (ONU), são jovens os indivíduos que têm entre 15 e 24 anos. Já para a Organização Mundial da Saúde (OMS), essa fase da vida vai dos 10 aos 24. No caso brasileiro, o governo definiu que para caráter de elaboração e implementação de políticas públicas, a idade a ser contemplada é aquela preconizada pela ONU. No entanto, já existem movimentos no País com o objetivo de estender esse alcance até os 29 anos. (ANDI, 2007, p.32)

Foi possível notar durante a pesquisa que não existe uma classificação temporal do que sejam adolescência e juventude. Muitas vezes são tratadas como sinônimos, outras, como um processo no qual o indivíduo passa de jovem adolescente a apenas jovem.

Alguns estudiosos (ABRAMOVAY, 2002 e 2006; ANDRADE, 2005; Becker, 1986; HEILBORN, 2006-b; IACocca, 2002; RIBEIRO e FIGUEIRÓ, 2006; UNICEF, 2002; ZAGURY,

1999) afirmam que não existe um período fixo para a adolescência, justamente devido ao desempenho do meio sócio-político, do momento e da situação em que está inserido cada adolescente. A diferença entre os vários limites etários mostra-se irrelevante ao considerar as modificações biológicas, psicológicas e sociais processadas no período adjacente aos 10 e 20 anos de idade.

Para que fosse possível dirigir a atenção para um produto voltado a adolescentes, foi dada ênfase para pesquisas focadas nas juventudes.

Entre especialistas, é comum o alerta de que não há propriamente uma juventude, mas várias, definidas e caracterizadas segundo diferentes situações, vivências e identidades sociais. Nesse sentido, vem aumentando a quantidade de estudos de casos orientados para grupos específicos de jovens. Apesar disso, o senso comum codifica a juventude como se ela fosse homogênea. (ABRAMOVAY, 2006, p. 10)

A definição de juventude teve como fundamento uma série de dados obtidos pela pesquisa “Juventude, juventudes: o que une e o que separa”, publicada pela UNESCO, em 2006, coordenada por Miriam Abramovay. A coleta de dados foi realizada em julho de 2004, a partir de uma amostra de aproximadamente dez mil jovens brasileiros de 15 a 29 anos. Desse modo foi possível esboçar uma identidade juvenil a partir de questões formuladas sobre práticas culturais.

Um dos focos durante a pesquisa foi identificar recorrências ligadas à diversidade sexual e hábitos de leitura. O esforço foi no sentido de observar os dados de forma conjunta a partir desse recorte específico, buscando refletir sobre conclusões encontradas nesses estudos.

Devido a contextos sociais construídos por desigualdades, a juventude deve ser considerada em suas múltiplas realidades, a fim de compreender a maneira como os jovens vivenciam seus conflitos na diversidade. O universo juvenil é amplamente diversificado, com trajetórias circunscritas e processos sociais complexos, alterados conforme espaços, épocas e contextos. É um grande mosaico de segmentos que explicam demandas e elaboram identidades inéditas e surpresas comportamentais. É imprescindível o intenso e ininterrupto diálogo entre gerações, tradições e metamorfoses para entender o mínimo da lógica da juventude.

Compartilhar achados e descobertas, mostrando a grande diversidade que se inscreve nos sentidos do *ser jovem*, é uma forma de contribuir para se rever muito do que se diz sobre os jovens, colaborando para a quebra de mitos, discriminações, estigmas e preconceitos que se inscrevem na idéia de juventude (ABRAMOVAY, 2006, p. 8)

Os dados da pesquisa mostram “que a percepção que o mundo adulto tem sobre os jovens é muitas vezes *adultocrata*, centrada em uma visão equivocada sobre a maneira de agir e pensar das juventudes” (ABRAMOVAY, 2009, p. 234). Essa adultocracia divulga intensamente os estigmas de que todo adolescente é preguiçoso, desinteressado, confuso e, principalmente, dependente de um adulto.

Algumas dessas pesquisas consideram, ainda, um campo de questões que se coloca no âmbito dos papéis sociais atribuídos a mulheres e homens, e ao que é classificado como feminino e masculino em nossa sociedade. Foi necessário o estudo sobre definições de gênero para que se pudesse trabalhar com segurança as questões de papéis sexuais na revista ***LGBTeen!***.

Entre o público consumidor há jovens revolucionários nesse aspecto, e fica evidente a necessidade de se “refletir até que ponto a força dos papéis atribuídos a homens e mulheres em nossa sociedade restringe a prática cotidiana [...] principalmente no ambiente doméstico” (ABRAMOVAY, 2009, p. 135).

Foi constatado que as relações de gênero não são naturais, isto é, estabelecidas devido a formações biológicas diferenciadas. Os papéis de gênero são estabelecidos culturalmente, um acordo entre membros de determinada sociedade. Por serem produtos de uma cultura, tais papéis sociais são passíveis de transformações e novos acordos. Deve-se destacar que a reprodução dos papéis tradicionais de gênero está presente entre a juventude. Essas construções se fazem de acordo com a convenção de que há um universo feminino e um universo masculino. “Nesse ponto, é preciso pensar sobre o peso dos agentes socializadores dos jovens (família, escola, meios de comunicação, grupos de amizade) na (re) produção de papéis de gênero (ABRAMOVAY, 2009, p. 146).

Os papéis de gênero são fatores essenciais na disseminação de preconceito. Atividades comumente associadas a um dos gêneros são mal interpretadas quando realizadas por pessoas do sexo biológico oposto.

Por exemplo, quando uma menina diz que não sabe trocar pneu, está se comportando da maneira que considera adequada a seu sexo. Socialmente, é aceitável que meninas sejam incapazes de lidar com mecânica de automóveis. Lógico que ela é tão capaz quanto qualquer menino de aprender a trocar um pneu, dirigir um carro de fórmula 1, treinar boxe e tornar-se campeã de tiro. Mas se resolver fazer essas coisas estará exercendo o papel sexual-social de homem em nossa sociedade, o que costuma atrair desaprovação ou, no mínimo, estranheza. (PICAZIO, 1998, p.22)

Uma percepção dominante é de que os jovens se distanciam cada vez mais dos hábitos de leitura e escrita. Para reforçar essa afirmação surge a divulgação negativa da qualidade da escrita, como as “Pérolas do ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio”, ou o desempenho baixo em testes como o do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica – SAEB, realizado com estudantes de quarta e oitava séries do ensino fundamental e terceira série do ensino médio – e o PISA – Programa Internacional de Avaliação de Estudantes, com estudantes de 15 anos feito em mais de 50 países.

A partir da publicação “Letramentos no Ensino Médio”, pôde-se verificar que a juventude participa de práticas sociais mediadas pela leitura e pela escrita, incluindo o contato com revistas. Esse uso social da leitura compõe o que se denomina práticas de letramento.

Letramento é o uso efetivo e competente da tecnologia da escrita em variadas práticas sociais. Por exemplo, a capacidade de ler uma notícia para se informar, ler livros religiosos, transcrever receitas para cozinhar, escrever e-mails para se comunicar, ler legendas em filmes, identificar argumentos em textos científicos e relacioná-los a outras informações e argumentos, compreender uma fábula lida por alguém etc.

Porém, muitas dessas práticas não são reconhecidas como leitura e escrita pela escola, deixando de lado hábitos modernos como a atualização de blogs, redes sociais virtuais, salas de bate-papo, mensagens de celular, e também atividades fora da escola, como cursos extra-curriculares, participação em grupos de discussão, RPG, grupos religiosos ou de outros interesses.

De acordo com o Indicador nacional de Alfabetismo Funcional - INAF, 71% dos brasileiros entre 15 e 24 anos gostam de ler para se distrair, contra 62% entre 25 e 64 anos. O indicador mostra, também, que os jovens são leitores mais assíduos que os adultos em relação a livros de poesia, romances, ficção e aventura. Sobre a leitura de pelo menos uma revista por semana, os números mostram a prática de 38% entre 15 e 24 anos e 30% entre

25 e 64. Em 2008, em levantamento realizado pela Câmara Brasileira do Livro, foi divulgado que, em 2007, a venda de livros direcionados ao segmento juvenil aumentou 13% em comparação com 2006. Já a literatura adulta cresceu apenas 2,2%.

Outra informação importante coletada pelo PISA, e muito pouco divulgada, é que os jovens tupiniquins ficaram entre os primeiros em termos de interesse pela leitura, ao lado de países como Finlândia e Dinamarca.

[...] enquanto que jovens de países campeões nos testes, como os japoneses e sul-coreanos, ficaram “na lanterna”. Isso quer dizer que, apesar das deficiências da escola brasileira quando comparada à de outros países, os jovens brasileiros, muito mais que outros de países desenvolvidos, valorizam a prática cultural. (MASAGÃO, 2006, p.36)

Outro enfoque dado nessa pesquisa consiste em verificar os interesses dos adolescentes pela diversidade, e não apenas a sexual. A Organização Ação Educativa realizou a pesquisa quantitativa “Que Ensino Médio Queremos?”, na qual foi questionado a 880 alunos, de cinco escolas da cidade de São Paulo, como a escola deveria formar para a cidadania.

Os dois principais quesitos dessa formação cidadã são a realização de ações que ajudem a comunidade (30%) e o ensino de conteúdos voltados a uma visão crítica da realidade (22%). Ou seja, dois aspectos estão no centro da expectativa dos jovens: a construção da cidadania como prática social, e a construção da cidadania através do pensamento da reflexão. No entanto, a escola costuma valorizar muito mais o último aspecto, que transforma a cidadania apenas em conteúdo escolar. (CORTI; 2009 p. 55)

Outras duas ações valorizadas são: ensinar os valores de solidariedade e o respeito às diferenças (13%) e dar espaço para os alunos realizarem projetos e atividades culturais (13%). Novamente os alunos demonstram a necessidade de oportunidades para exercitar a cidadania concretamente. As demais ações votadas foram: ensinar o funcionamento da democracia (7%); Incentivar a prática esportiva, jogos e campeonatos (5%); Incentivar hábitos de vida saudável e cuidados com o meio ambiente (5%); Outra ação (4%); e Estimular a participação dos jovens em grêmios (2%).

Nos relatórios, artigos e pesquisas analisados, foi constante a confirmação de que existem adolescentes interessados em discutir temas como cidadania, política, economia, e

outros temas que os próprios adultos chamam de “assuntos chatos que não interessam aos adolescentes”. Um dos sintomas da adultocracia é decidir e rotular quais temas são interessantes para cada faixa etária. Essa atitude é movida pelo preconceito.

Menin@s e meninas

8 TABUS, JUVENTUDE E DIVERSIDADE SEXUAL

Meninos e meninas

Compositores: Renato Russo, Dado Villa-lobos, Marcelo Bonfá

Quero me encontrar, mas não sei onde estou
Vem comigo procurar algum lugar mais calmo
Longe dessa confusão e dessa gente que não se respeita
Tenho quase certeza que eu não sou daqui
Acho que gosto de São Paulo
Gosto de São João
Gosto de São Francisco e São Sebastião
E eu gosto de meninos e meninas
Vai ver que é assim mesmo e vai ser assim pra sempre
Vai ficando complicado e ao mesmo tempo diferente
Estou cansado de bater e ninguém abrir
Você me deixou sentindo tanto frio
Não sei mais o que dizer
Te fiz comida, velei teu sono
Fui teu amigo, te levei comigo
E me diz: pra mim o que é que ficou?
Me deixa ver como viver é bom
Não é a vida como está, e sim as coisas como são
Você não quis tentar me ajudar
Então, a culpa é de quem? A culpa é de quem?
Eu canto em português errado
Acho que o imperfeito não participa do passado
Troco as pessoas
Troco os pronomes
Preciso de oxigênio, preciso ter amigos
Preciso ter dinheiro, preciso de carinho
Acho que te amava, agora acho que te odeio
São tudo pequenas coisas e tudo deve passar
Acho que gosto de São Paulo
E gosto de São João
Gosto de São Francisco e São Sebastião
E eu gosto de meninos e meninas

A juventude ocupa, atualmente, um espaço de grande relevância entre as inquietações mundiais, contribuindo, em especial, para a preocupação com problemas que atingem os adolescentes de todo o planeta. A juventude é colocada como um dos maiores interesses dos cientistas sociais, pois é a partir dela que esses estudiosos identificam tendências e mudanças nos processos de mudança social (HEILBORN, 2006). As perspectivas mudam impulsionadas pelo diálogo entre as gerações, que alteram estruturas na vida profissional, religiosa, cultural e, especialmente, sexual.

Observa-se hoje que na socialização das gerações mais jovens há um relativo declínio da importância da família na transmissão de valores relativos à sexualidade e uma crescente influência da escola, não como disciplinadora da conduta, mas cada vez mais como propiciadora de novas interações entre iguais. Os jovens estão desempenhando um papel gradativamente mais relevante em sua própria socialização. Verifica-se uma horizontalização dos processos de socialização, na qual os jovens são produtores de novas condutas. (HEILBORN, 2006-a p. 50)

Essas condutas reformularam convenções das últimas gerações, influenciando temas como a saúde sexual e reprodutiva, gravidez na adolescência, aborto inseguro, doenças sexualmente transmissíveis e HIV/Aids. Essas preocupações estimularam o surgimento de estudos, pesquisas e programas focando essa população, reconhecendo-a como um grupo de necessidades específicas.

Muitas vezes associada simplesmente ao ato sexual, a sexualidade é uma das dimensões do ser humano que envolve gênero sexual ou anatômico, papel sexual ou atividade, orientação do desejo, erotismo, percepção, valores, crenças, envolvimento emocional, pensamentos, fantasias, reprodução, entre outros elementos.

Além do consenso de que os componentes socioculturais são críticos para a conceituação da sexualidade humana, existe uma clara tendência em abordagens teóricas de que a sexualidade se refere não somente às capacidades reprodutivas do ser humano, como também ao prazer. Envolve, além do corpo, nossa história, nossos costumes, nossas relações afetivas, nossa cultura. (ABRAMOVAY, 2009 p.262)

Enfim, a sexualidade é tão complexa a ponto de existir sem a necessidade de um envolvimento entre dois, ou mais, corpos. Devido à complexidade não esperada do assunto,

foi necessária uma introdução a estudos da moderna sexologia que abrangessem a população juvenil. Dessa forma, foi possível traçar uma identificação das expressões da sexualidade em comunhão com a sociedade.

Para dificultar um pouco, vivemos em uma sociedade que não tem o hábito de encarar o sexo como algo natural, que faz parte de nossa espécie e de cada indivíduo desde que nasce. Talvez porque o prazer assuste, temos uma longa tradição de tentar reprimir pensamentos e conversas sobre tudo que se relacione à sexualidade, tradição esta mantida por nossas escolas, igrejas e, em geral, infelizmente também por nossos pais. (PICAZIO, 1998, p.13)

Essa questão baseia-se no fato de que a experimentação da sexualidade possibilita uma estruturação da identidade do adolescente. Porém, muitas sociedades ainda tratam a sexualidade como um tabu, ao impor contextos, idades e limites, a fim de convencionar um aspecto natural do ser humano.

A iniciação sexual, como exemplo de tabu, é culturalmente tratada como um rito de passagem que envolve o trânsito entre infância e adolescência, perpassando sentidos identitários diversos.

Considera-se que a criança é dependente de uma cultura arraigada na família. Mas os adolescentes/jovens, ao se iniciarem sexualmente, passam a ser vistos, pelo menos nesse aspecto, como adultos. O jovem vive a ambigüidade de ser considerado sexualmente adulto, e ao mesmo tempo, em muitos casos, manter-se em situações de dependência nas dimensões econômicas e familiares, entre outras. (ABRAMOVAY, 2009, p.230-231)

Em diversas análises acerca da relação sexualidade e juventude é possível encontrar uma palavra constante: vulnerabilidade. Nesses estudos verifica-se que adolescentes apresentam comportamento sexual que os leva a se envolverem em relações sociais de risco, cujo resultado pode ser infectarem-se por doenças ou engravidarem uma parceira.

Algumas características conferem risco à atividade sexual, como o despreparo para lidar com a sexualidade; a onipotência e sentimento de invulnerabilidade; limites impostos e preconceitos; dificuldades de tomar decisões e construir uma identidade; conflito entre razão e emoção; necessidades de afirmação grupal; dificuldades de administrar planos e desejos. (ABRAMOVAY, 2002; ANDRADE, 2005; HEILBORN, 2006-b; RIBEIRO e FIGUEIRÓ, 2006)

A vulnerabilidade é tema pouco visível nos trabalhos com adolescentes não-heterossexuais, muito vulneráveis devido à vida mais complexa em relação à sexualidade. Depois de verificar a hostilidade enfrentada no campo da diversidade sexual, o adolescente percebe-se ainda mais indeciso e, portanto, torna-se mais vulnerável. A própria sensação de pertencer a uma minoria colabora para essa situação, aliada à precariedade das pesquisas sobre diversidade sexual que não conseguem visibilizar a diferença de sujeitos.

É bom lembrar que os "diferentes" são uma enorme multidão. Algo como até 11% da população mundial é formada de homens e mulheres homossexuais, independentemente de raça, cor, nacionalidade, condição cultural ou social. Algo como até 30% da população, também sem diferença de onde morem ou como tenham sido criados, são de homens e mulheres bissexuais. (PICAZIO, 1998, p.19)

As publicações sobre dados estatísticos estão impregnadas de incertezas, pois ainda há muito falseamento e inconsistência na coleta de dados. Devido à ausência de materiais que analisem concretamente a realidade da diversidade sexual, inclusive na adolescência, a revista **LGBTeen!** foi elaborada com a participação do *Grupo E-jovem de Adolescentes Gays, Lésbicas e Aliados*.

O *E-jovem* é o maior grupo voltado à população jovem e atua em todo o país. Existe desde 2001 e nasceu em Campinas, por criação do militante André Ribeiro, conhecido como Deco. O grupo é integrado por jovens gays, lésbicas e “aliados”, ou seja, heterossexuais que querem participar da luta dos LGBTs.

É uma rede nacional de adolescentes e jovens que lutam contra a homofobia, nome dado ao preconceito contra os LGBTs, e à hebifobia, neologismo criado por André Ribeiro que significa o preconceito contra os adolescentes e o julgamento de que todo adolescente é imaturo.

Há três anos o *E-jovem* saiu do campo virtual que a internet oferece e iniciou sua atuação fora do mundo *online*, transformando-se em ONG e recebendo colaboração do Governo do Estado de São Paulo. Entre grupos virtuais e concretos, existem os E-grupos regionais e os GLÁDIOS – Gays, Lésbicas e Aliados pela Diversidade e contra o Ódio, que se reúnem para idealizar projetos, promover ações ou simplesmente conversar e trocar experiências.

Além de uma fonte de informações para adolescentes, um dos principais focos que percebi no E-jovem é o trabalho que se tem para mostrar a normalidade da diversidade sexual.

Normal, aliás, é a grande preocupação de quem entra na puberdade. Eu não gosto quando ele me aperta os seios, será que eu sou normal? Detesto levar chute nos jogos, será que sou veado? Todo mundo acha que tem de ser igual a todo mundo, e qualquer diferença é mantida em grande segredo, além de causar angústia. (PICAZIO, 1998, p.14)

Outro trabalho admirável do E-jovem é trabalhar sobre o tema da sexualidade de maneira muito atraente. Os adolescentes têm contato com o assunto a partir de ferramentas cotidianas: sessões de filmes, trechos de livros, criações artísticas, palestras e seminários dados, muitas vezes, pelos próprios adolescentes com a supervisão de profissionais. Também utilizam Twitter, criam laços de amizade fora da ONG, fazem e postam filmes e participam do E-kut, uma rede social criada pelo E-jovem.

Na falta de números precisos, a realidade mostra que a diversidade é mais normal do que parece. Como mostra o personagem Marcos, do livro “O Terceiro Travesseiro”.

Sentado no chão, com os joelhos dobrados, de short, meias e tênis, com pêlos cobrindo desde os tornozelos até as coxas, Renato me fazia sentir algo muito estranho. Uma sensação que não sabia explicar, muito boa, mas ao mesmo tempo muito assustadora. Eu não posso ser isso que estou pensando; nem em pensamento consigo dizer esta palavra. Aliás, acho que tudo isso é normal. (CARVALHO, 2007, p.14)

Close! Fomos encontrados!

9 OS JOVENS NA MÍDIA

A adolescência, a juventude, é um pouco a época em que a gente se diz, como escrevia Dostoievski em Memórias do Subsolo: “Eu sou um e eles são todos”. Ou para dizer de outro modo, é o período em que se tem a impressão de que o mundo está cheio, os lugares ocupados, as casas construídas, os livros escritos, os conhecimentos constituídos, as árvores plantadas, desde sempre. Para encontrar um espaço, então, será preciso remover tudo isso que não tem intenção de se deixar remover. Ter quinze anos é, muitas vezes, isto: o mundo está cheio, onde poderei me encaixar?

(PETIT, 2008, p. 48-49)

A mídia vem sendo citada nas últimas décadas como um dos agentes educadores, e muitos veículos de comunicação reconhecem sua responsabilidade nessa formação cidadã. Mas os jornais e revistas classificados teens, mesmo os de boa consistência informativa e reflexiva, carregam um estigma: tratam os jovens como consumidores, incapazes de refletir, analisar e tirar conclusões sobre temas que não sejam banais.

Novamente, o *adultocentrismo* pode ser um dos motivos desse preconceito de que revistas para jovens devem ter conteúdo *aborrecente* e *emburrecente*, já que o público alvo é visto como alienado. A mídia e os adolescentes, cada vez mais, provam que a sociedade está equivocada.

A conclusão da ANDI e de alguns profissionais e atores sociais da mídia jovem é de que a imprensa ainda não encontrou a fórmula para explorar a participação juvenil na sociedade. Assim, é percebida uma falta de sensibilidade, ou falta de interesse, em enxergar os processos de mobilização e dinâmica da juventude.

“Isso acontece, em grande parte, porque a imagem que a sociedade ainda guarda a respeito da participação segue muito voltada para as movimentações das décadas de 1960, 1970 e 1980, contra a ditadura e a favor da abertura política.” (ANDI, 2007, p.40)

Nos últimos anos foi possível identificar uma sintonia maior entre os meios impressos e essa realidade, mas os veículos de mídia jovem continuam desperdiçando pautas e chances de alterar esse preconceito da sociedade em relação à juventude.

“Isso porque além de ajudar a valorizar a participação, ao representar os jovens como agentes sociais de transformação os jornalistas os reconhecem como co-autores de avanços que beneficiam toda a coletividade.” (ANDI, 2007, p.41)

Em 1997 foi criada a Coordenação de Mídia Jovem da ANDI, que passou a mensurar a qualidade da produção jornalística e possibilitou o “diálogo estreito com os veículos de comunicação e com os inúmeros atores sociais que vêm trabalhando pelo fortalecimento das políticas de juventude no Brasil” (ANDI, 2007 p. 3). A partir de então, a ANDI começou a publicação de relatórios.

Os recursos técnicos que subsidiam a construção do relatório A Mídia dos Jovens envolvem a classificação de todos os textos publicados em um conjunto de suplementos e seções de jornais e de revistas voltados para adolescentes e jovens. No biênio 2005-2006 [...] esse universo sofreu pequena variação: foram 21 suplementos/seções em 2006, contra 22 em 2005. Já o número de revistas manteve-se em quatro, em ambos os anos. (ANDI, 2007 p. 6).

O relatório avalia os conteúdos de acordo com um Índice de Relevância Social, “que ao ser medido pela primeira vez, em 1997, não passava dos 24,2%, agora já alcança o excelente patamar dos 65%” (ANDI, 2007 p.04). A elevação no índice é explicada pelas mudanças das linhas editoriais, refletindo o comportamento das publicações e também do público.

De acordo com o relatório, ao longo de 2005 e 2006 a quantidade de pautas relacionadas à Sexualidade cresceu 83%, porém, questões como DST/Aids e gravidez, aparecem em menos de 1% das produções. Nas Colunas de Consulta, que publicam respostas a perguntas enviadas por leitores, esses temas aparecem como o terceiro e o quarto assuntos mais debatidos, respectivamente.

O relatório tem uma seção dedicada às referências sobre as diversidades, e entre elas foi analisada a diversidade de gênero. “Enquanto em 2004 a cobertura dedicada ao assunto correspondia a 20,47% dos textos sobre Diversidade, em 2005 e 2006 houve leve aumento: 25,71% e 25,89%, respectivamente (ANDI, 2007 p. 5). Os outros assuntos são relativos a questões étnicas, raciais, regionais e sócio-econômicas.

Segundo monitoramento da ANDI, a mídia se comporta como a sociedade ao não admitir que aspectos relacionados à definição da identidade sexual se expressem na adolescência, e mostra que “ainda subsistem diversos tabus na discussão do tema, especialmente no ambiente familiar e na escola” (ANDI, 2007 p. 50).

Temas como diversidade de orientação sexual foram inexpressivos nos anos analisados. Em 2005 foram 30 inserções do total de 9845 matérias; em 2006, foram 11 inserções do total de 9709.

O fato de pouco aparecer na mídia – ator central na definição das prioridades da agenda pública – contribui para que o tema permaneça cercado por preconceito. Pesquisa recente da Unesco mostra que, no Brasil, a discriminação em relação à orientação sexual é grande. Um quarto dos estudantes ouvidos pelo estudo Juventudes e Sexualidades, realizado em 14 capitais brasileiras, afirma que não gostariam de ter um amigo homossexual. (ANDI, 2007 p. 51)

Um grande exemplo da Mídia Jovem é a Revista Viração, um projeto que reúne adolescentes em todo o Brasil para discutir e veicular temas sociais e propostas para a melhoria da humanidade.

Uma revista feita por jovens para jovens. Essa é a proposta da Viração, publicação criada em 2003 com o objetivo de unir o público juvenil em torno de princípios como a defesa dos direitos humanos, a educação para a Paz, a solidariedade entre os povos e a pluralidade étnica e racial. Por trás da produção da revista, há um amplo projeto social que envolve atualmente, entre outras ações, a articulação de 17 conselhos editoriais, espalhados por todas as regiões do País. Formados por garotos e garotas representantes de escolas, projetos e movimentos sociais, esses conselhos têm o papel de contribuir com a produção e a avaliação do conteúdo, da linguagem e da apresentação visual da revista. Mais informações: www.revistaviracao.com.br. (ANDI, 2007 p. 53)

As cores do arco-íris

10 Editorias

A bandeira do arco-íris talvez seja o símbolo mais conhecido das comunidades gay. Seu uso data de 1978 quando ela apareceu pela primeira vez na “San Francisco Gay and Lesbian Freedom Parade”.

Um artista dessa cidade, Gilbert Baker, criou a bandeira e, ajudado por trinta voluntários, costurou e tingiu as duas bandeiras gigantes para a marcha.

As originais tinham oito faixas, com cada cor representando partes da comunidade:

rosa choque para o sexo;

vermelho para o fogo;

laranja para a cura;

amarelo para o sol;

verde para a natureza;

turquesa para as artes;

azul indigo para harmonia;

violeta para o espírito.

Esta bandeira foi rapidamente reconhecida como o símbolo que poderia representar a comunidade gay.

Informações extraídas de páginas da internet

A bandeira LGBT é formada por seis barras com cores diferentes, cada uma com seu significado. A bandeira não possui “a primeira barra”, ou seja, a bandeira pode começar do vermelho assim como pode começar do lilás. [...]

Além da versão com seis barras, ainda são vistas atualmente outras versões da bandeira arco-íris em manifestações LGBT. Desde versões com uma barra preta, simbolizando os homossexuais mortos pela AIDS, a bandeiras que misturam as cores do arco-íris com símbolos nacionais ou regionais, pretendendo assim representar a população LGBT desse país ou região.

(ABGLT, 2009, p. 40)

A **LGBTeen!** compõe-se de seis grupos temáticos. Cada grupo representa uma das seis cores do arco-íris, um dos símbolos do Movimento LGBT mundial: vermelho, laranja, amarelo, verde, azul e violeta.

Foi realizada uma breve pesquisa sobre o significado dessas cores no Brasil e também foi solicitado aos adolescentes participantes do trabalho que indicassem palavras relacionadas a elas. Como resultado, foi possível associar as cores com seis temas e formar editorias. Em seguida, foi possível elaborar as pautas e mapear as informações. Na edição zero da **LGBTeen!** há uma página dedicada a apresentar a editoria aos leitores.

Sobre a cor Vermelha as palavras mencionadas pelos adolescentes foram: guerra, unha, tesão, ousadia, índio, maias, calor, sangue, vida, poder, fogo, ambição, urucum, imponência, paixão, conquista, luta, amor, coragem, desejo, agito, bochecha, beijo, confiança, coração, garra, vitalidade e revolução.

A maioria dessas palavras alude à luta, à intensidade e vontade de viver. Por isso a Editoria Vermelha enfoca as novidades e informações ligadas tanto à militância LGBT quanto ao protagonismo juvenil.

Quase um terço dos meninos e meninas de 15 a 24 anos fazem parte de algum grupo. Quando a idade vai aumentando, a participação diminui, segundo a pesquisa Juventudes e Democracias: participação, esferas e políticas públicas, do Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (Ibase). Além disso, eles têm um alto grau de interesse em política, ao contrário do que comumente se pensa. Contudo, desapontados com os espaços formais de participação, atuam cada vez mais em ações de voluntariado e em projetos sociais – ao invés de aderirem a manifestações ou se engajarem em partidos políticos. (ANDI, 2007, p.40)

Outros estudos revelaram que os jovens são mais ativos que os adultos na sociedade. Na era digital, podem participar de movimentos sociais por meio de fóruns e comunidades virtuais, que costumam reunir-se pessoalmente com frequência. Além da intensa participação de jovens em Organizações Não-governamentais e a necessidade dos adolescentes de participar e interagir em grupos como busca de identidades semelhantes.

É válido lembrar que um dos objetivos deste Projeto Experimental é enfraquecer a hebefobia. A melhor estratégia é tirar os jovens da posição de leitores-consumidores e colocá-los como protagonistas.

Tal abordagem difunde a visão do jovem como sujeito ativo e ajuda a derrubar preconceitos. “A grande vantagem desse processo é mostrar que os adolescentes podem fazer parte da solução, em vez de serem encarados como um problema para a sociedade”, defende o pedagogo Antonio Carlos Gomes da Costa, um dos primeiros atores sociais a falar em protagonismo no País. (ANDI, 2007, p.41)

Sobre a cor Laranja, as palavras mencionadas pelos adolescentes foram: estimulante, ácida, cítrica, energia, perfumada, vitamina C, natureza, doçura, criatividade, inteligência, segurança, atração, líquido, cultura, bagaço, fibra, caldo, gostosura, variedade, sede, cheirosa, succulenta, natural e azeda.

Unindo as palavras à pesquisa sobre o significado das cores no Brasil, concluiu-se que a cor laranja é apontada como um estimulante para a mente e associada com atributos ligados à fruta, como ser doce, azeda, matar a sede, ter vitamina C e até por ter muitas variedades. A Editoria Laranja mostrará expressões da cultura *LGBTeen*, a fim de explorar o que está além das aparências, revelando culturas invisíveis e toda a diversidade de pessoas.

Dessa maneira a revista tenta atingir outro objetivo, que é quebrar preconceitos de “uma sociedade muito influenciada por olhares cristalizados: os jovens seriam por definição problemáticos, rebeldes e com forte tendência a alienar-se das questões mais relevantes para seu entorno e para o País” (ANDI, 2007, p.7). A Editoria Laranja vai mostrar que jovens não são apenas hormônios em fúria.

[...] começa a perder espaço a noção de que as mudanças características dos garotos e garotas dizem respeito somente a aspectos relacionados ao comportamento e ao desenvolvimento físico e biológico – algo que podia ser resumido a questões como hormônios, espinhas e um interesse crescente por sexo. Pouco a pouco, ganhavam eco leituras realizadas a partir do paradigma da cidadania e do desenvolvimento: a juventude é reconhecida como um grupo social de grande importância, com identidade e referências culturais próprias. (ANDI, 2007, p.7)

Essa editoria também mostrará expressões da cultura LGBT que já foram bastante absorvidas pela sociedade. Serão mostradas identidades e estereótipos, comportamentos e meios de expressão artística, a fim de expor a diversidade no âmbito da diversidade e de dizer que ser LGBT não é imoral. A essência dessa editoria é mostrar o que une os *LGBTeens* e como eles se formam culturalmente, “porque parte das iniquidades que predominam no

País guarda relação direta com a formação cultural da população brasileira” (ANDI, 2007, p.47).

Sobre a cor amarela, as palavras mencionadas pelos adolescentes foram: alegria, energia, sol, fortaleza, brilho, fortuna, riqueza, luxo, festa, liberdade, clareza, inovação, crescimento, verão, Dorothy e o mágico de Oz.

São palavras positivas, associadas à liberdade e ao prazer. “Sair do armário” é o mesmo que se libertar, se assumir, sair do confinamento. Essa parte da revista é dedicada a relatos sobre a saída do armário e vai concentrar depoimentos de adolescentes e dicas para quem está pensando em sair. “Cada vez mais, os suplementos e revistas estão garantindo espaço para que a juventude expresse sua visão. Seja ao abrir canais de interação – por meio de seções de carta ou estruturação de conselhos editoriais – seja dando voz, em suas páginas, a essa parcela da população” (ANDI, 2007 p. 6).

A família e os amigos – os grupos mais presentes na vida dos jovens – também terão espaço nessa editoria. Eles poderão participar também com relatos, ou pode ser feita uma espécie de coluna de consulta com eles, sobre como lidar com a sexualidade do filho, filha, amigo ou amiga. A família costuma ser a maior preocupação para quem está saindo do armário, então essa relação estreita entre o jovem, a família e a revista deve ser muito sólida.

Em entrevista à ANDI, a então subeditora da revista Capricho, Érika Kobayashi, falava sobre o desafio em abordar a relação entre pais e filhos. “O adolescente também tem dificuldade de se colocar. Não sabe dizer o que quer ouvir em relação à família. As cartas que recebemos geralmente falam de questões como: ‘não sei conversar com a minha mãe, o que fazer?’”. Apesar dos problemas em trazer para a pauta temas do universo familiar, a jornalista defende que esse seja um dos focos da reportagem, especialmente em assuntos como drogas, sexualidade e relacionamentos. (ANDI, 2007, p.45)

Sobre a cor verde, as palavras mencionadas pelos adolescentes foram: natureza, fertilidade, seiva, clorofila, florestas, grandiosidade, montanhas, justiça, conforto, calma, paz interior, equilíbrio, harmonia, crescimento, reino vegetal, exuberância, estabilidade, resistência.

O verde é a cor usada para simbolizar a natureza, então a Editoria Verde é dedicada a falar na natureza social do jovem. Como ele floresce na sociedade e quais seus planos de

crescimento. Temas sociais como mercado de trabalho, religião, eleições, participação social, lazer, serão ligados à diversidade sexual e de gênero dos jovens.

Um jovem branco de 16 anos, morador de uma cidade da Bahia e com Ensino Fundamental completo tem 40% de probabilidade de conquistar uma ocupação profissional. Se fosse negro, as chances seriam a mesmas, mas o salário um quarto menor. Para uma garota nas mesmas condições, a probabilidade de conseguir um emprego formal cairia para quase 14%. Caso morasse em Santa Catarina, suas chances subiriam para perto de 50%. Os números – obtidos pelo Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas, com base em microdados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) – contribuem para ilustrar o forte impacto que questões como gênero, etnia e região geram na realidade da juventude brasileira. Não apenas no âmbito das oportunidades profissionais, mas também em outras esferas da vida, como a sexualidade, a educação e o lazer. (ANDI, 2007 p.47)

De acordo com a ANDI, os temas socialmente relevantes não afastam os jovens, “pelo contrário, a abordagem de questões de maior densidade vai de encontro aos anseios da juventude e pode fazer com que garotos e garotas passem a contribuir de forma mais sistemática para o debate sobre problemas que os afetam” (ANDI, 2007, p.30)

Sobre a cor azul, as palavras mencionadas pelos adolescentes foram: tranquilidade, frescor, calma, proteção, higiene, limpeza, intuição, estabilidade, profundidade, lealdade, confiança, sabedoria, céu, inteligência, fé, verdade, eternidade, paraíso, conhecimento, santidade, seriedade, generosidade, saúde, cura e hospital.

Devido à associação dessa cor com palavras que remetem à higiene, saúde, hospital, calmaria e palavras com carga positiva, essa editoria tratará de pautas relativas à saúde física e mental. Abordará desde doenças como a Aids até estética e cuidados com a pele, por exemplo. O desafio dessa editoria é estar sintonizada com pesquisas relativas à saúde da juventude.

Contribui para essa dificuldade o fato da maioria dos órgãos oficiais não produzirem dados desagregados relacionados aos jovens. As pesquisas sobre o universo da Aids geralmente apresentam as questões referentes à juventude e à adolescência utilizando uma série de estatísticas relativas a outros segmentos populacionais. Com isso, os suplementos de Mídia Jovem terminam perdendo a pauta para outros setores dos veículos. (ANDI, 2007, p. 28)

Pautas referentes a doenças sexualmente transmissíveis, Aids e hepatites virais serão sempre lembradas devido à vulnerabilidade a que os leitores estão sujeitos. A necessidade da discussão exaustiva acerca desse tema tem o caráter de suprir a falta de preparo da sociedade e dos pais para orientar os adolescentes sobre o uso de preservativo, considerando a configuração sexual desses mesmos adolescentes.

A temática da Aids é, a um só tempo, vital para os jovens, tecnicamente complexa e bastante limitada em relação às possibilidades de ganchos factuais que possam inspirar novas pautas. Essa foi uma das constatações apresentadas na publicação *O Desafio da Aids*, lançada pela ANDI em 2000. Fruto do seminário que reuniu adolescentes, jornalistas e especialistas para debater o assunto, o documento revela alguns limites a serem superados na abordagem do tema. Entre eles: • Postura moralista da sociedade, em diversas regiões do País. • Resistência de donos e/ou diretores de empresa em focar determinadas pautas. • Falta de formação específica nas faculdades de comunicação. (ANDI, 2007, p. 29)

Sobre a cor violeta, as palavras mencionadas pelos adolescentes foram: transformação, violência, hematoma, mistério, escuridão, medo, sensibilidade, noite e transgressão.

Coincidentemente, a palavra violeta começa com as mesmas letras que a palavra violência. A maior parte das palavras mencionadas pelos adolescentes têm uma carga negativa. Portanto, essa editoria se dedicará a expor as violências sofridas pelos *LGBTeens*, gestos homofóbicos e/ ou hebefóbicos.

A pesquisa Perfil da Juventude Brasileira, realizada em 2004 pelo Instituto Cidadania, traz dados sobre os principais interesses e preocupações de garotas e garotos brasileiros, com idades entre 15 e 24 anos. A violência aparece em primeiro lugar, apontada por 55 % dos jovens, seguida de preocupações com o emprego e com drogas. “No âmbito da cobertura, no entanto, dois desses aspectos não têm encontrado maior repercussão: Violência e Drogas estão no grupo dos assuntos menos abordados pelos veículos de Mídia Jovem em 2005 e 2006 (ANDI, 2007 p.47). Em 2006, a temática da violência ocupou apenas 0,57% do conteúdo em suplementos de jornais e revistas analisados.

O mesmo ocorre com outros debates importantes para esse segmento da população, como aqueles relacionados à gravidez na adolescência, ao meio

ambiente e à Aids/DSTs. Somados aos conteúdos sobre Violência e sobre Drogas, essas temáticas menos pautadas por suplementos e revistas não chegaram a ocupar 3% da cobertura em 2006. (ANDI, 2007, p. 22)

Outro dado identificado pelo Instituto Cidadania mostra que 65% dos jovens gostariam de discutir o assunto com a sociedade. A sexta edição do Mapa da Violência no Brasil, lançada em 2006 pela Organização Ibero-Americana para a Educação, atesta que os jovens de 15 a 24 anos são as maiores vítimas de homicídio no País.

Portanto, parte da revista **LGBTeen!** estará focada em distinguir as várias formas de violência associadas à homofobia ou à morte de adolescentes. O enquadramento será feito para mostrar todo o cenário LGBT, com foco nos jovens.

A ausência do tema Violência não significa, contudo, que a cobertura deva seguir um modelo semelhante ao adotado pelos cadernos e editoriais “de Polícia”. Pelo contrário. Suplementos e revistas voltados aos jovens têm formas e características próprias de abordar esse universo. Tanto que, de maneira geral, as matérias da Mídia Jovem sobre a questão tendem a ser mais contextualizadas e menos factuais do que aquelas veiculadas rotineiramente pelos jornais. (ANDI, 2007, p. 27)

Tudo junto e misturado

11 PLANEJAMENTO GRÁFICO-EDITORIAL

"Use a capacidade que tens. A floresta ficaria silenciosa se só o melhor pássaro cantasse."
Oscar Wilde, em O Retrato de Dorian Gray.

Para definir o planejamento gráfico e o estilo de linguagem da **LGBTeen!** foram observadas algumas publicações. Entre elas: edições das revistas *Atrevida* e *Capricho*, por serem as mais antigas do mercado voltado para adolescentes e as mais expressivas em termos de circulação e tiragem no segmento adolescente segundo dados auditados pelo Instituto Verificador de Circulação - IVC; a revista *Todateen* que, assim como *Capricho* e *Atrevida*, é voltada para o público de adolescentes mulheres; a *Revista da MTV*, do segmento musical voltado para o público juvenil; a revista *Viração* e a revista *Escuta Soh*, do projeto *Viração*; A *Offline*, voltada para jovens universitários; e a *Juventude.br*, revista teórica e política do Centro de Estudos e Memórias da Juventude - CEMJ.

Foram analisadas algumas revistas voltadas para o público adulto e que incluem questões sobre a diversidade sexual ou diversidade de papéis sócio-sexuais. Entre elas: *DOM – De Outro Modo*, *G Magazine*, *Junior*, *A Capa*, *TPM* e *Nova*.

Para cumprir o papel jornalístico, a revista deve se embasar em um planejamento editorial estruturado pela sustentação do interesse e pelo ritmo gráfico, visual e semântico (Lage, 2001). Após definir que a **LGBteen!** terá seu discurso voltado para a promoção da diversidade sexual entre adolescentes, o próximo passo foi decidir como, em que ritmo, esse conteúdo seria mostrado. O projeto gráfico começou, então, a ser desenhado.

Design em revista é comunicação, é informação, é arma para tornar a revista e as reportagens mais atrativas, mais fáceis de ler. Tanto quanto os jornalistas, os designers devem estar preocupados o tempo todo com a melhor maneira - a mais legível - de contar uma boa história. (SCALZO, 2003, p.66)

O planejamento gráfico-editorial das duas edições foi elaborado após a observação de revistas voltadas ao público adolescente e outras direcionadas ao público GLS. As páginas foram diagramadas a partir de observações dessas revistas e também inspiradas em *flyers* de boates, também conhecidos como filipetas ou *cards*.

Como esses *flyers* são distribuídos em locais de intenso movimento – bares ou as filas das próprias boates – a imagem predomina e há pouco texto. A revista **LGBTeen!** tem pouca quantidade de texto em suas páginas pois foi pensada como uma revista para circular de mão em mão, como os *flyers*, e para ser lida em lugares movimentados, como filas.

No primeiro contato com as revistas GLS e as voltadas para adolescentes foi notado o grande destaque dado às imagens sem, porém, comprometer o espaço textual. Outro destaque é o uso intenso de *dingbats* – ícones que compõem fontes gráficas – e ingredientes principais dos *flyers*.

Alguns estudos sobre os desenhos animados produzidos pela Disney mostraram que desenhos sem cantos pontiagudos conseguem mais carisma e simpatia em produções voltadas para o público infanto-juvenil. Por isso, os cantos das imagens na **LGBTeen!** são arredondados.

Seguindo a premissa de que adolescente está habituado ao dinamismo, a distribuição dos elementos na página é descontraída, sem deixar de ser organizada. A projeção gráfica é semelhante à de um fanzine ou um flyer, com fotos, textos, grafismos e elementos abstratos compondo a mesma página sem comprometer a leitura. Tudo fragmentado, porém organizado, utilizando-se técnicas de coesão textual, interatividade e estruturação gráfica. Essa foi uma maneira pensada para o projeto se aproximar ao máximo do universo visual adolescente LGBT.

Como tudo numa revista, é o leitor, também, quem vai determinar o tipo de linguagem gráfica a ser utilizada pela publicação. [...] É o universo de valores e de interesses dos leitores que vai definir a tipografia, o corpo do texto, a entrelinha, a largura das colunas, as cores, o tipo de imagem e a forma como tudo isso será disposto na página. (SCALZO, 2003, p. 67)

O estilo de linguagem também foi escolhido a fim de espelhar os costumes dos leitores. Após elaborar as pautas, definir a angulação e recorte dos temas, foi escolhido “o tom. Ou seja, a linguagem mais apropriada para a matéria que se vai escrever” (VILLAS BOAS, 1996, p.14). Em seguida foram pensadas estratégias para condensar, no projeto gráfico, as informações obtidas nas pesquisas e nos depoimentos.

A informação pesquisada em arquivo e a apuração são seus principais ingredientes, que, como na receita de um prato requintado, vão carecer de um bom tempero. O desenvolvimento do seu texto exigirá recursos estilísticos de toda natureza. Sem eles, o tempo fica adormecido e o espaço, sem vida. (VILLAS BOAS, 1996, p.15)

Em relação à estrutura textual, as matérias foram quebradas com a inclusão de vários intertítulos – num intervalo de aproximadamente 800 caracteres para a inserção de um novo

intertítulo. Dessa maneira, tem-se a impressão de que são várias notas voltadas a um único tema. O leitor pode, então, fazer a leitura de forma não linear, de acordo com o intertítulo que quiser.

Os estilos dos títulos, linhas finas e demais elementos textuais foram usados de acordo com o assunto – mais sério, mais descontraído, alegre, íntimo, triste. Pode-se notar várias experimentações, desde apelos literários e emotivos a textos ásperos. Algumas matérias foram feitas sem intervenção jornalística, apenas com a transcrição de depoimentos, para dar a impressão de ser a página de uma rede social virtual. A preferência por frases curtas, excesso de informações em pouco espaço e mudança repentina de foco também foram pensadas ao refletir sobre o dinamismo de páginas virtuais com mensagens objetivas, como as do Twitter e Orkut, principalmente.

O estilo está vinculado ao tempo, ao espaço, à interpretação que o autor dá às suas experiências, leituras e a toda sua relação com o que o cerca. Na medida do tempo, os textos também sofrem variações. O discurso barroco, por exemplo, é assimétrico. Os enunciados se dispõem num esquema de contraste. Já o clássico prima pelo senso de proporção. Na época atual, há uma tendência à frase curta e fragmentária, própria de uma existência mais tensa. (VILLAS BOAS, 1996, p. 33-34)

A leitura pode tornar-se chata quando passa de alguns minutos. Por isso adotar várias modalidades gráficas e textuais é importante, pois se pode trabalhar temas sérios sem monotonia. É necessário considerar que os adolescentes não querem notícias diluídas, mas sim apresentações limpas e concisas, com ênfase em contextualização e informações novas.

Uma revista para jovens e adolescentes precisa tratar das questões referentes a essa faixa etária com dicas e preocupações próprias da idade, em uma linguagem atraente e objetiva, simples e direta. A revista, nesse caso, faz o papel da amiga íntima, aquela com quem os jovens às vezes se trancam no quarto para falar de coisas sobre as quais nem sempre os pais podem ou querem conversar. Matérias desse tipo devem responder a questionamentos. É uma oportunidade de acabar com preconceitos, diminuir dúvidas, mostrar que o problema dele não é único.

Utilizar gírias é uma forma de aproximar o tema do público jovem, mas é preciso não abusar desse tipo de linguagem para não idiotizar ou vulgarizar o texto. Transcrever

depoimentos ajuda na identificação com o que está sendo dito e mostrado, uma espécie de terapia do espelho.

Esses recursos devem ser evitados, mas não rejeitados. Há casos em que serão de grande valia. Pense que a língua falada está sempre anos-luz à frente das gramáticas. O texto escrito é o próprio tempo no qual se insere. Não há por que dispensar uma determinada forma de significação da palavra. Existe um momento de usá-la e o tema, a angulação, o tom e a história vão acolhê-la da melhor maneira possível dentro do seu texto. (VILLAS BOAS, 1996, p.17)

Liberdade! Não se reprima

12 REDAÇÃO E ESTILO

Não se reprima - Menudos

Compositores: Carlos Villa De La Torre / Alejandro Monroy Fernandez

Canta, dança, sem parar
Sobe, desce, como quiser
Sonha, vive, como eu
Pula, grita, ô ô ô ô ô...
Não segure muito teus instintos
Porque isso não é natural
Sai do sério, fala alto, dá um grito forte,
Quando queira gritar
É saudável, relaxante, recupera
E faz bem pra cabeça
Por isso canta,
dança, grita ô ô ô ô ô ô
Vá em frente, entra numa boa
Porque a vida é uma festa
Não controle, não domine, não modere
Tudo isso faz muito mal
Deixe que a mente se relaxe
Faça o que mandar o coração
Por isso canta,
dança, grita ô ô ô ô ô ô
Não se reprima
Pode gritar
Dança, canta, sobe, desce, vive, corre e pula como eu!
Canta, dança, sem parar
Sobe, desce, como quiser
Sonha, vive, como eu
Pula, grita, ô ô ô ô
Chega de fugir, de se esconder
E de deixar a vida pra depois
Não persiste mais, se o mundo gira,
O tempo corre, nada vai te esperar
Entra de cabeça nos seus sonhos
Só assim você vai ser feliz
Por isso canta, dança, grita, ô ô ô ô ô

As matérias das duas edições da **LGBTeen!** seguiram as recomendações do Manual de Comunicação LGBT, elaborado pela ABGLT. Para elaborar esse manual de redação e estilo foram analisados os padrões das revistas já citadas. A liberdade criativa é prioridade, portanto, as exceções são previstas e bem-vindas.

"Diferente de um jornal, não há um 'manual de redação' detalhado e específico para quem trabalha em revistas" (SCALZO, 2003, p. 76). Scalzo cita o uso de um "manual genérico, que se restrinja a resolver e elucidar problemas de língua portuguesa e de padronização ortográfica" (SCALZO, 2003, p. 76).

Para melhor organização e definição de uma identidade para a revista, alguns padrões foram criados.

☺ **LGBTeen.** Palavra que significa adolescente e jovem lésbica, gay, bissexual, travesti, transexual, transgênero ou aliado. O plural é LGBTeens.

☺ **LGBTeen!.** O nome da revista citado nas matérias será semelhante ao estampado na capa.

☺ **Identificação das fontes.** Para *LGBTeen* com menos de 18 anos: Apelido da fonte, idade. Exemplo: Vini, 17; - Para *LGBTeen* com mais de 18 anos: Nome da fonte, idade, qualificação. Exemplo: Natasha Avital, 23, formada em Direito; - Para adultos: Qualificação, nome da fonte. Exemplo: A psicóloga Bárbara Meneses.

☺ **Gírias e neologismos.** Usar gírias com moderação, mas não fugir delas. Algumas gírias, ou neologismos, não têm um sinônimo adequado à norma culta e podem perder o sentido desejado se substituídas. Exemplo: Tá passado! Foi close! Que tudo!

☺ **Interjeições, onomatopéias e aglutinação de palavras.** São muito bem-vindas, pois tornam os textos mais descontraídos e ilustrativos. Exemplo: Né? Ui! Boom! Ué?!

☺ **Estrangeirismos.** Em itálico, com a mesma tipografia e corpo. O público alvo tem acesso razoável a plataformas globalizadas de comunicação e têm contato fácil com outras línguas, em músicas por exemplo. Então, não é de todo mal usar algumas palavras em outras línguas ou não aportuguesadas.

☺ **Gramática vigente.** Qualquer um diria que adolescentes gostam de coisas futuristas e querem ser os primeiros a experimentar. Mas também há adolescentes que curtem coisas antigas. É um luxo ter uma revista retrô! Mesmo porque é isso que ela será

em 2012 - apenas um trabalho de conclusão de curso apresentado em 2010. E as palavras com hífen são muito mais bonitas. Ninguém merece escrever “guardarroupa”!

☺ **Páginas monocromáticas.** Todos os componentes textuais e detalhes gráficos terão a cor da editoria – legendas, intertítulos, créditos, títulos, linhas finas. As cores opcionais são: branco, preto ou rosa.

☺ **Marcador de fim de texto.** Todos os textos serão finalizados por um triângulo invertido na cor da editoria. É uma maneira de homenagear os homossexuais que morreram ou sofreram nos campos nazistas.

☺ **Textos na norma coloquial.** A *LGBTeen!* representa uma amiga, por isso mesmo os textos tendem à norma coloquial e às vezes esbarra na oralização.

☺ **Verbos no imperativo.** Fuja deles. No lugar dos verbos “que mandam” apenas indique escolhas. Exemplo: “Mais infos em www.e-jovem.com”, ao invés de “Veja mais informações em ...”

☺ **Dingbats.** Muito usados em flyers e revistas do segmento jovem.

☺ **Imagens.** Disposição livre, com cantos arredondados em 0,5 centímetros. Devido ao intuito de mostrar a realidade, foi descartado o uso de bancos de imagens disponíveis na internet. Muitos adolescentes autorizaram a retirada de fotos de se suas páginas virtuais de relacionamento e outros aceitaram posar para fotos. Alguns entrevistados aceitaram a publicação de suas fotos desde que houvesse intervenções na imagem.

☺ **Colunas.** As páginas não têm diagramas ou colunas fixas. Espaçamento entre colunas de 0,5 centímetros no mínimo.

☺ **Corpo do texto.** Foi usada uma fonte fina, sem serifa.

Fonte: National First Font, corpo 11, entrelinhas 13, entreletras 10, alinhamento justificado.

☺ **Títulos:** Estilo livre, desde os clássicos títulos noticiosos, até os mais oníricos, oralizados, coloquiais e sem verbos. Como as páginas terão muitas ilustrações e o aspecto bagunçado de um fanzine, foi escolhida uma fonte mais discreta, para não infantilizar as páginas.

Fonte: Bolton, corpo a partir de 30, espaçamento entre linhas variado, alinhamento livre, cor da editoria. A família dessa fonte é bem grande e suas opções podem ser aplicadas. A fonte HoratioDMed também pode ser usada em alguns títulos.

☺ **Linha-fina:** Opção por apelo poético. As linhas finas servirão também como um texto adicional, além do caráter explicativo.

Fonte: HoratioDMed. Corpo 16, alinhamento livre, cor da editoria.

☺ **Intertítulos:** Usados para introduzir uma nova informação.

Fonte: HoratioDMed, Corpo 14, entrelinha 12, alinhamento justificado, cor da editoria.

☺ **Depoimentos:** Fonte: HoratioDMed, corpo 11, entrelinha 12, alinhamento livre, cor da editoria, preto ou branco.

☺ **Nomes das fontes.** Fonte: HoratioDMed, corpo 11, cor da editoria, preto ou branco.

☺ **Créditos.** Fonte: National First Font, corpo 7, cor preta ou branca.

☺ **Legendas.** Fonte: HoratioDMed, corpo 11, entrelinha 12, cor da editoria, preto ou branco. Preferencialmente dentro de caixas da cor da editoria.

O que eu vi e vivi

13 CONSIDERAÇÕES FINAIS

"Vivemos num mundo onde temos que nos esconder para fazer amor,
enquanto a violência é praticada em plena luz do dia."

John Lennon

É impossível que a intenção de conhecer e mostrar a realidade fiquem apenas nas páginas multi-coloridas deste relatório e destas revistas. Uma realidade que me deu a chance de me conhecer e de lembrar como eu e meus amigos convivíamos e sobrevivíamos perante os conflitos que plantaram na sexualidade.

Uma realidade que me deu chances de conhecer quem não existe mais. Pessoas que, depois de conversas geladas, não apareceram online no ICQ, no mIRC, e no MSN nos dias seguintes – porque se mataram ou resolveram “virar” heterossexuais e largar os amigos gays e lésbicas. E pessoas que ainda existem, alguns casados, com filhos ou filhas, trancadas até não sei quando em seus armários.

Conheci pessoas alegres, divertidas, que me animaram, ajudaram, deram idéias, reclamaram, pediram, mandaram, choraram, que se despediram de mim antes de entrar num carro estranho na esquina, que pediram pra dormir em casa porque não tinham onde dormir, que pediram uns trocados porque não tinham o que comer, que gritaram de felicidade ou de terror ao descobrir o resultado do teste de HIV.

Por mais trabalho que se tenha, a realidade nunca poderá ser impressa em relatórios ou revistas. Principalmente sobre um tema que homofóbicos e hebifóbicos insistem em maquiar.

Muitas maneiras para se divertir

14 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Y.M.C.A. - Young Men's Christian Association

(Associação Cristã de Rapazes)

Village People

Young man, there's no need to feel down - Jovem homem, não tem por que ficar triste
I said, young man, pick yourself off the ground - Eu disse, jovem homem, se levante do chão
I said, young man, 'cause you're in a new town - Eu disse, jovem homem, porque você tá numa nova cidade

There's no need to be unhappy - Não tem por que ficar triste

Young man, there's a place you can go - Jovem homem, tem um lugar pra onde você pode ir
I said, young man, when you're short on your dough - Eu disse, jovem homem, quando você estiver duro de grana

You can stay there, and I'm sure you will find - Você pode ficar lá, e eu tô certo que você vai encontrar

Many ways to have a good time - Muitos maneiras para se divertir

It's fun to stay at the y-m-c-a - É divertido ficar na Y.M.C.A

They have everything for you men to enjoy - Eles têm tudo pra vocês homens de divertirem

You can hang out with all the boys ... - Você pode dar um rolê com todos os caras...

You can get yourself cleaned, you can have a good meal - Você pode se limpar, você pode comer

You can do whatever you feel ... - Você pode fazer o que quiser...

Young man, are you listening to me? - Jovem homem, você tá me ouvindo?

I said, young man, what do you want to be? - Eu disse, jovem homem, o que você quer ser?

I said, young man, you can make real your dreams - Eu disse, jovem homem, você pode tornar seus sonhos realidade

But you got to know this one thing! - Mas você tem que saber essa única coisa!

No man does it all by himself - Nenhum homem faz isso tudo por si mesmo

I said, young man, put your pride on the shelf - Eu disse, jovem homem, coloque seu orgulho na prateleira

And just go there, to the y.m.c.a. - E simplesmente vá lá, pra Y.M.C.A.

I'm sure they can help you today - Tenho certeza que ele podem te ajudar hoje.

Young man, I was once in your shoes - Jovem homem, eu já estive no seu lugar

I said, I was down and out with the blues - Eu disse, eu estive deprê e lá fora com a tristeza

I felt no man cared if I were alive - Eu senti que nenhum homem ligava se eu estava vivo

I felt the whole world was so tight ... - Eu senti que o mundo inteiro estava tão apertado

That's when someone came up to me - Aquilo foi quando alguém veio pra mim

And said, young man, take a walk up the street - E disse, jovem homem, sobe a rua

There's a place there called the y.m.c.a. - Tem um lugar chamado Y.M.C.A.

They can start you back on your way. - Eles vão fazer você retornar pro seu caminho

- ABGLT. **Manual de Comunicação LGBT**. UNAIDS, 2009.
- ABRAMOVAY, Miriam et alii. **Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina: desafios para políticas públicas**. Brasília: UNESCO, BID, 2002.
- ABRAMOVAY, Miriam; ANDRADE, Eliane R.; ESTEVES, Luis C. G. **Juventudes: outros olhares sobre a diversidade**. Brasília: Ministério da Educação, UNESCO, 2009.
- Agência de Notícias dos Direitos da Infância. **Relatório A Mídia dos Jovens: relatório 2002/2003/ 2004**. Brasília: ANDI, Instituto Votorantim, 2005.
- Agência de Notícias dos Direitos da Infância. **Relatório A Mídia dos Jovens: relatório 2005/ 2006**. Brasília: Instituto Votorantim, 2007.
- ANDRADE, Roberta M. B. **Entre o dito e o proibido: a sexualidade e o adolescente na soap-opera brasileira**. Fortaleza: Universidade de Fortaleza, 2005.
- ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. São Paulo: Forense Universitária, 2004.
- BECKER, Daniel. **O que é adolescência**. São Paulo: Brasiliense, 1997.
- BOTEGA, Neury J.; WERLANG, Blanca G. **Comportamento Suicida**. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- CONSELHO Nacional de Combate à Discriminação. **Brasil Sem Homofobia: Programa de combate à violência e à discriminação contra GLBT e de promoção à cidadania homossexual**. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.
- CARVALHO, Nelson L. **O terceiro travesseiro**. São Paulo: Editora GLS, 2007.
- CASSORLA, Roosevelt M. S. **Do Suicídio - Estudos Brasileiros**. Campinas: Papyrus, 1991.
- CASTRO, Mary Garcia (Coord.) et al. **Juventude, juventudes: o que une e o que separa**. Brasília: UNESCO, 2006.
- CORTI, Ana P.; SOUZA, Raquel de. **Que ensino médio queremos? Relatório final. Pesquisa quantitativa e grupos de diálogo sobre ensino médio**. São Paulo: Ação Educativa, 2009.
- CRUVINEL, Monica Vasconcellos. **Rastros de uma morte (A)Enunciada: uma análise dos discursos do suicídio pelas páginas "brasileiras" do Orkut**. Campinas: Unicamp, 2008.
- DIGNIDADE. **Uma história de dignidade**. Curitiba: Grupo Dignidade, 2008.

FLAUSINO, Márcia C. **Mídia, Sexualidade e Identidade de Gênero**. Brasília: Centro de Ensino Unificado de Brasília – UniCEUB, 2002.

GREEN, J. **Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil no século XX**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

HEILBORN, Maria L. **Entre as tramas da sexualidade brasileira**. In: Estudos Feministas. Florianópolis: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2006-a.

HEILBORN, Maria Luiza. **O aprendizado da Sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros**. Rio de Janeiro: Garamond/Fiocruz, 2006-b.

HURLBURT, Allen. **Layout: o design da página impressa**. São Paulo: Nobel, 1999.

IACocca, Michelle. **O livro do adolescente: discutindo idéias e atitudes com o jovem de hoje**. São Paulo: Ática, 2002.

INSTITUTO CIDADANIA; INSTITUTO DE HOSPITALIDADE; SEBRAE. **Perfil da juventude brasileira**. São Paulo: Criterium, 2004.

JESUS, Beto et alii. **Diversidade Sexual na escola: uma metodologia de trabalho com adolescentes e jovens**. São Paulo: Programa de Apoio a Projetos em Sexualidade e Saúde Reprodutiva, MacArthur Foundation, 2006.

KEHL, M. R. **A Juventude como sintoma de cultura**. In: NOVAES, R.; VANNUCHI, P. (Org.) **Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e revolucionários da imprensa brasileira**. São Paulo: Escrita Editorial, 1991.

KOTCHO, Ricardo. **A prática da reportagem**. São Paulo: Ática, 1986.

LAGE, Nilson. **Ideologia e técnica da notícia**. Florianópolis: Insular, 2001.

LAGE, Nilson. **Linguagem jornalística**. São Paulo: Ática 1986.

LIMA, M. A. A. **“Breve histórico da imprensa homossexual no Brasil”**. Disponível em: http://www.bocc.ubi.pt/pag/_texto.php3?html2=lima-marcus-assis-IMPRESA-HOMOSSEXUAL-BRASIL.html. (Acessado em: 23 outubro de 2009.)

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis: Vozes, 1997.

MASAGÃO, Vera. Sim, os jovens lêem. *Revista LeituraS*: Brasília, 2006

MEDINA, C. Entrevista. **O diálogo possível**. São Paulo: Ática, 1995.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Conferência nacional da educação básica**: Documento Final. Brasília, 2008.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO; INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS; FUNDAÇÃO INSTITUTO DE PESQUISAS EDUCACIONAIS. **Projeto de estudo sobre ações discriminatórias no âmbito escolar**. São Paulo: FIPE, 2009.

PETIT, Michele. **Os jovens e a leitura**. São Paulo: Editora 34, 2008.

PICAZIO, Cláudio. **Diferentes Desejos**: adolescente homo, bi e heterossexuais. São Paulo: Summus, 1998

RIBEIRO, Paulo R. M.; FIGUEIRÓ, Mary N. D. **Adolescência em questão**: estudos sobre sexualidade. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2006.

SCALZO, M. **Jornalismo de revista**. São Paulo: Contexto, 2003.

SIMÕES, Júlio A.; Facchini, Regina. **Na trilha do arco-íris**: Do movimento homossexual ao LGBT. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2009.

SOUZA, Ana L. S. et al. **Letramentos no Ensino Médio**. São Paulo: Ação Educativa, 2009.

STRASBURGUER, Victor C. **Os adolescentes e a mídia**: impacto psicológico. Porto Alegre: Artmed, 1999.

UNICEF. **A Voz dos Adolescentes**. Brasília: Unicef, 2002.

VILLAS BOAS, S. **O estilo magazine**: o texto em revista. São Paulo: Summus, 1996.

VIVARTA, Veet. **Os Jovens na Mídia**: pesquisa ANDI/IAS/UNESCO. Brasília: ANDI/IAS/UNESCO, 2000.

ZAGURY, Tânia. **O adolescente por ele mesmo**. São Paulo: Record, 1999.

REVISTAS

REVISTA DA MTV. São Paulo: Abril. Edições de 2004 – 2005.

DOM – De Outro Modo. São Paulo: Fractal. Edições de 12/13/14 de 2009

Todateen. São Paulo: Alto Astral. Edições 164, 165, 166, 167 de 2009

Atrevida. São Paulo: Escala. Edições 173, 174, 175, 180, 181 de 2009

Capricho. São Paulo: Abril. Edições 1078, 1079, 1080 de 2009.

Viração. São Paulo: Projeto Viração. Edições 33 de 2007 - 40, 41, 43 de 2008 - 48, 49, 55 e 56 de 2009.

Escuta soh!. São Paulo: Projeto Viração. Edições 1 de 2007/2008, 2 de 2009

Juventude.br. São Paulo: Centro de Estudos e Memórias da Juventude. Edição 7 de 2009. (revista teórica e política do Centro de Estudos e Memórias da Juventude)

A Capa. São Paulo: InfonetBusiness Ltda. Edição 08 de 2007 e 25 de 2009.

OffLine. São Paulo: Novo Meio. Edição 13 de 2009.

LEIS

Código Civil. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil/leis/2002/L10406.htm>

Código de Ética Médica. Disponível em
http://www.ippmg.org.br/imageBank/codigo_etica_medica.pdf

Estatuto da Criança e do Adolescente. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8069.htm

Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança. Disponível em:
http://www.onu-brasil.org.br/doc_crianca.php

Declaração dos Direitos Sexuais. Disponível em:
http://www.ibiss.com.br/dsex_destaque.html